

[IN]CENA

Desenhistas falam dos desafios de fazer quadrinhos independentes.

Grupos autônomos atuam pela democratização do teatro.

A VOZ DA RUA

Um músico independente não pode apenas saber cantar, tem que ser um bom empresário, assessor e a própria gravadora.

Já houve um tempo em que formar uma banda, lançar um disco, escrever um livro, fazer um filme ou participar de uma exposição de artes plásticas só era possível para quem fosse ligado a uma gravadora, editora, produtora ou galeria renome. Hoje as produções independentes são realidade em diversos segmentos da arte como música, stand-up, dança, literatura, cinema e muito mais. Permitindo o surgimento de novos talentos e contribuindo para que os envolvidos tenham mais autonomia em relação ao próprio trabalho.

Felizmente, passou a época em que ser artista independente era associado a ser desconhecido. Hoje em dia, muitos deles estão se dando muito bem na cena independente, provando que ainda há muito o que crescer e dar espaço a novos artistas.

Com a arte independente ganhando o seu espaço, a revista (In)Cena, busca romper com o esquecimento do pluralismo que encontramos nas ruas e são ignorados por meios de comunicação, nas grandes mídias e na sociedade no geral.

A produção independente é expressar através de qualquer meio a sua própria arte e opinião, se desprender de regras ou formas estabelecidas por algo ou alguém. Com a revista, esperamos que o leitor amplie seus leques de manifestações artísticas e, juntamente conosco, busquem em cada nova edição uma maior pluralidade.

EDI TO RIAL

EXPE DI ENTE

Revista desenvolvida pelo 5 semestre do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi

Reitor: Prof. Dr. Paolo Roberto Inglese Tommasini

Coodernadores do curso de Jornalismo: Augusto Lobato e Maria Cristina Rosa Almeida

Professores Orientadores: Cris Barbosa e Guilherme Maciel

Editores: Amanda Marin e Alexandre Agassi

Repórteres: Alexandre Agassi, Amanda Marin, Caroline Magalhães, Dayane Chagas, Felipe dos Reis Ayres, Gabrielly dos Santos, Luana Dias Ramos Rocha, Luiz Gustavo Gonzales, Murillo Vazquez, Vinicius Danjó Diniz e Silva

Ilustrator: Luana Dias Ramos Rocha, Luiz Gustavo Gonzales, Felipe Ayres

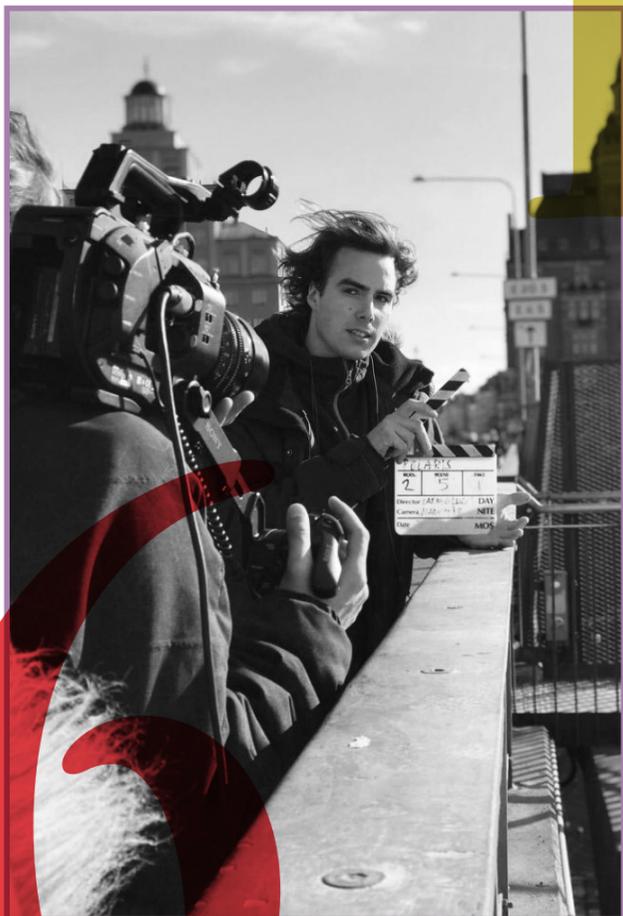
Indesign: Murillo Vazquez, Dayane Chagas, Caroline Magalhães

Photoshop: Luana Dias Ramos Rocha, Vinicius Danjó Diniz e Silva



13

ARTE OU RABISCO?



INDEPENDÊNCIA



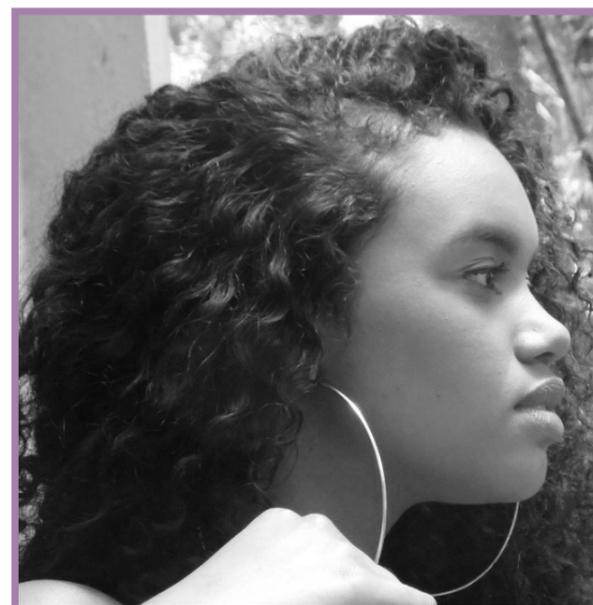
TEATRO INDEPENDENTE RESISTE

Grupos autônomos buscam atuar pela democratização e regionalização do teatro



28

LIBERTE SUA VOZ



QUADRINIZANDO

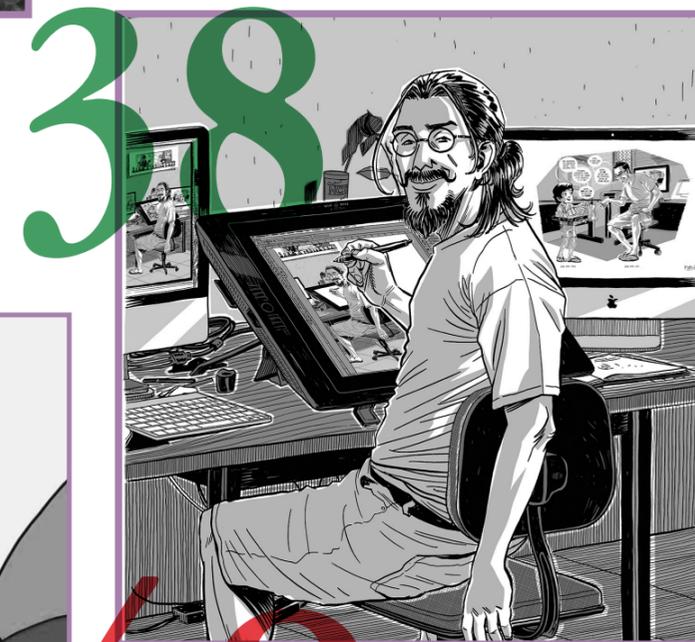
Desenhistas falam dos desafios de fazer quadrinhos independente



32

A VOZ FEMININA

Novas possibilidades de imagem na dramaturgia e nas telenovelas



18

PEQUENOS PASSOS LITERÁRIOS

Editoras independentes se tornam alternativas para autores iniciantes de São Paulo

48

DANÇA E RIMA

O cinema por outros

olhos

Produtores que buscam sair dos “padrões” trazem a independência para as telas

Fernanda D'Angelo

Pág. 6

Por Amanda Marin

Arte independente chegou ao que denominamos como “cinema” muito antes do que imaginamos. Graças aos irmãos Lumière, o curta-metragem “A Chegada do Trem à Estação” é considerado como o pontapé inicial da jornada do cinema. O filme tem duração de cinquenta segundos e faz jus ao seu nome; mostra a chegada de uma locomotiva movida a vapor em uma estação de trem na França. Teve toda sua produção realizada por Auguste e Louis Lumière, que ainda obtiveram em seus currículos grandes inovações no mundo cinematográfico e na fotografia.

No Brasil, o cinema produzido independentemente teve seus momentos de popularidade, entretanto jamais tão gloriosos quanto em outras áreas da arte. Em meados da década de 1960, os filmes produzidos eram predominantemente musicais e faroestes; em meio a isso, movimentos começaram a surgir no país, reivindicando uma estética cinematográfica diferenciada. O Cinema Novo foi um deles. Profissionais que trabalhavam em prol do movimento que lutava por um novo rumo nas telas do audiovisual brasileiro, com enfoques diferentes e com produtores que já não tinham mais a possibilidade de grandes investimentos.

Para Manuela Costa, em sua obra “Cinema Independente do Brasil no contexto da globalização”, principalmente no audiovisual, independência está associada ao peso econômico. “Foi nos Estados Unidos que a palavra foi predominantemente utilizada para designar um movimento de cineastas que se recusavam a – ou não tinham condições de – produzir seus filmes por meio do studio system (filmes de grandes estúdios)”. Ainda de acordo com ela, em geral pelo senso comum, “independência” é entendida pela maioria da população como produções que seriam alternativas, escapando das vertentes hollywoodianas que o público brasileiro, em específico, prefere e opta por ver.

Se a popularidade das produções independentes não era de se chamar muito a atenção em seu momento de apogeu,

no tempo atual podemos notar essa desvalorização ainda mais crescente, segundo Fernanda D'Angelo, diretora de arte. “O cinema independente normalmente é visto pelas pessoas do mercado dentro dos festivais. O público em geral não frequenta festival, não procura, então acaba não vendo”. É importante ressaltar que há uma diferença entre a estética independente e uma produção totalmente independente. No primeiro caso, trata-se de uma obra que foge um pouco do padrão de produções de grandes redes no mercado, como alguns filmes que são exibidos no Reserva Cultural de São Paulo, situado na Avenida Paulista. No segundo, é um tipo de filme feito completamente sem grandes patrocínios e financiamentos.

A professora da USP, cineasta e publicitária Giselle Gubernikoff comenta que “existe uma tendência do mercado de audiovisual hoje em dia de estar sob as asas do Estado, com formas diferentes de subsídios, leis de incentivo etc.” Apesar de os métodos que um produtor que opta em produzir um filme independente requerer muito esforço para os meios de como irá conseguir verba e atrair investidores para seu trabalho, seja por leis de incentivo ou editais, há quem afirme que ainda o mais complexo é o processo de pós-produção.

Processo de Produção

D'Angelo explica que o filme produzido completamente independente requer que seu produtor ou quem está se empenhando no projeto do filme tenha uma quantidade expressiva de verba. O suficiente para arcar com todas as necessidades de produção e pós-produção que essa obra irá requisitar, desde os acabamentos artísticos aos técnicos. Além disso, há a possibilidade do produtor recorrer a editais, leis de incentivo, como a própria Rouanet. E mesmo se conseguir a aprovação da lei, o próximo desafio é encontrar empresas que se interessem em vincular o nome delas ao do filme em questão.

Por conta desses estágios citados, nem sempre pode-se denominar uma obra como independente, pois o seu processo

Pág. 7

“NÃO EXISTE DE VERDADE UM MERCADO AUDIOVISUAL, NÃO EXISTE A INDÚSTRIA DO CINEMA NO BRASIL, TUDO É MUITO PRECÁRIO”

FERNANDA D'ANGELO

“POR ISSO QUE NO BRASIL HÁ UMA CULTURA TÃO GRANDE DE PRODUZIR DOCUMENTÁRIOS OU FILMES MAIS REALISTAS, QUE NÃO PRECISAM DE TANTA PRODUÇÃO, TANTO RELACIONADA A EQUIPE QUANTO AO DINHEIRO”

FERNANDA D’ANGELO

de produção já deixa de ser conduzido apenas por uma via. “Por isso que no Brasil há uma cultura tão grande de produzir documentários ou filmes mais realistas, que não precisam de tanta produção, tanto relacionada a equipe quanto ao dinheiro”, afirma D’Angelo. Alguns produtores escolhem realizar uma pré-

produção de acordo com os recursos que possuem no momento para planejar o tamanho do filme, dentre outras variáveis. Tendo assim, uma chance maior de obter um resultado final de qualidade, como no caso de Joel Caetano, diretor de curtas premiados como “JUDAS” e “ENCOSTO”. “Se tenho acesso a uma câmera profissional, mas pouco equipamento de iluminação, procuro filmar durante o dia, para não ter problemas na qualidade de captação de imagens”, conta.

Processo de pós-produção

Os filmes independentes geralmente não são exibidos em grandes redes de cinemas, no entanto, segundo D’Angelo, há alguns editais que exigem uma contrapartida de exibição. Ou seja, produzir o filme com meios que o próprio edital disponibilizou e ter um dia para a exibição na própria instituição. Mas esse tipo de proposta não é tão comum. D’Angelo e Joel contam também que costuma ocorrer diversos festivais no país e no mundo em que os produtores concorrem a uma oportunidade de exibição, que para os poucos renomados, pode se tornar um pesadelo constante por falta de espaço. Para Joel, essa dificuldade não costuma ser tão recorrente, já que seus curtas já viajaram

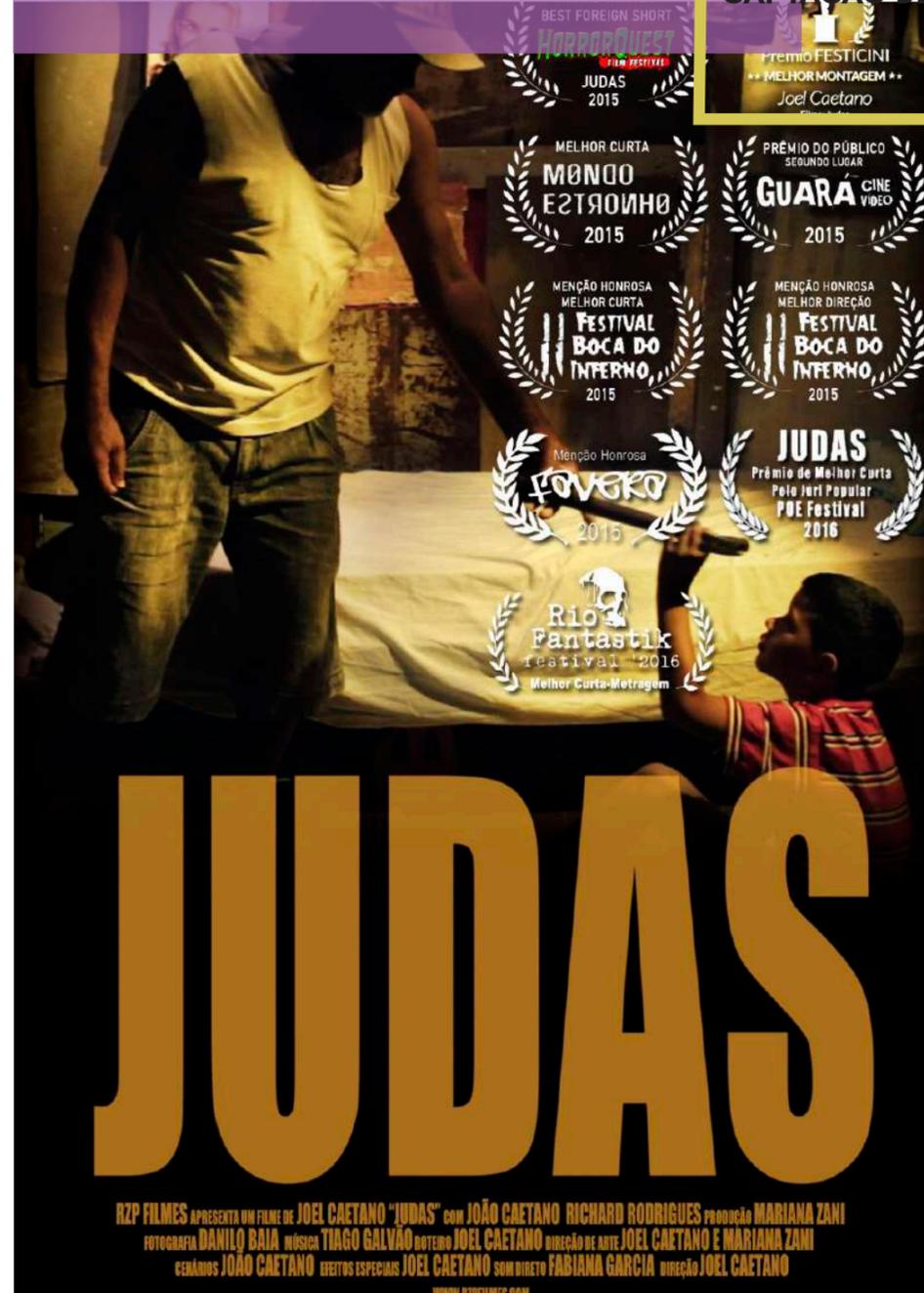


Fernanda D’Angelo

o mundo. “Para ter uma ideia, meu curta “JUDAS” (2015) já foi exibido em mais de 100 festivais pelo mundo, assim como o “ENCOSTO” (2013). São filmes de baixíssimo orçamento, mas que encontraram seu público em mostras e festivais”, afirma. Já para D’Angelo, além dessa questão do reconhecimento, a maioria dos festivais exige uma carga de ineditismo muito grande, cujo um mesmo filme não pode ser exibido em mais de um lugar. “Não existe de verdade um mercado audiovisual, não existe a indústria do cinema no Brasil, tudo é muito precário”, observa a diretora.

Passada tantas décadas, o público brasileiro continua

PÔSTER DE FILME INDEPENDENTE PRODUZIDO POR JOEL CAETANO



“SE TENHO ACESSO A UMA CÂMERA PROFISSIONAL, MAS POUCO EQUIPAMENTO DE ILUMINAÇÃO, PROCURO FILMAR DURANTE O DIA, PARA NÃO TER PROBLEMAS NA QUALIDADE DE CAPTAÇÃO DE IMAGENS”

JOEL CAETANO



Luciana Paes é Sara, a empregada “baba-ovo” de Inácio, porém seu personagem passa por um processo de evolução, tornando-se numa mulher forte e independente

DIRIGIDO POR GABRIELA AMARAL ALMEIDA, FILME EVOCA O DEBATE SOBRE O BRASIL DE HOJE, SEM DEIXAR DE LADO O VALOR DE ENTRETENIMENTO, O QUE O GÊNERO DE TERROR PODE OFERECER

Por Alexandre Agassi

Filmado ao estilo dos clássicos slasher-movies – “Sexta-Feira 13”, “Halloween”, “O Massacre da Serra Elétrica”, “A Hora do Pesadelo”, “Pânico” são alguns excelentes exemplos – “O Animal Cordial” traz muito mais do que apenas diversão. O longa traz uma perspectiva singular sobre os conflitos da nossa sociedade, dando espaço para cada um dos personagens se desenvolver antes de serem assassinados.

Sua premissa segue o estilo de filmes de baixo orçamento com locação única, poucos efeitos visuais e personagens em tela. Na trama, um restaurante passa por um clima de tensão quando a insatisfação dos empregados por ter que ficar depois do final do horário do expediente levam Djair (Irândhir Santos) a ir reclamar com o patrão Inácio (Murilo Benício). Contudo, a situação se agrava quando dois assaltantes (interpretados por Humberto Carrão e Ariclenes Barroso) invadem o estabelecimento. Para resolver a situação, o dono e a garçonete Sara (Luciana Paes) fazem todos de reféns, inclusive os clientes, o policial Amadeu (Ernani Moraes) e o casal de ricos Bruno (Jiddu Pinheiro) e Verônica (Camila Morgado). Se a motivação a princípio era o medo de manchar a reputação do restaurante, Inácio vai descobrindo seu prazer sádico por cometer assassinatos.

Ao longo da história, cada personagem vai revelando sua verdadeira identidade, podendo dessa forma assimilar com problemas sociais presentes no Brasil atualmente. O primeiro e mais claro deles é a desigualdade social. O conceito marxista da luta de classes se acentua no momento no qual o casal de elite zomba de Sara por não saber pronunciar o nome de um vinho. A sublime atuação de Camila Morgado é capaz de demonstrar toda a sensação de nojo da personagem com um simples olhar lançado para Sara. Enquanto que esta mantém a sua compostura de empregada recatada, embora depois se revele muito mais do que aparenta. Aqui logo se nota o antagonismo entre as classes distintas nesta luta pelo poder: o rico que quer seu domínio e a pobre que deseja ascender socialmente.

Outro conflito discutido no filme é a questão da transfobia. É importante esclarecer que em nenhum momento é falado explicitamente que Djair é uma mulher trans. No entanto, dá-se a entender nos diálogos trocados entre ele e Inácio que o personagem seria sim. Um momento marcante é quando o personagem de Murilo Benício culpa injustamente Djair pelo assalto, não só por ser a principal figura de resistência contra o patrão abusivo, mas também por ele ser quem é, pela sua maneira de agir e de falar. Quando Inácio corta os cabelos longos do outro com uma faca e afirma nunca ter gostado deles, fica ainda mais explícito essa aversão entre eles.

A transformação da pessoa amigável para uma extremamente violenta é o verdadeiro guia da narrativa. Conforme seu lado brutal toma conta, mais sombrio fica o restaurante, criando uma sensação claustrofóbica angustiante. O verdadeiro animal cordial, numa espécie de paralelo com o reino animal, seria então Inácio, com sua hospitalidade ao dirigir aos seus clientes e aos seus empregados, mas com uma face obscura tremendamente perigosa escondida. Um reflexo do clima passivo-agressivo dos dias de hoje, onde por trás de trocas de olhares e sorrisos há sentimentos preenchidos de um ódio reprimido para manter a cordialidade.

Dentre todos, o papel de Luciana Paes é o único que passa por uma evolução de personagem, e por isso a mais interessante do enredo. No início, Sara é uma subordinada daquelas que saem em defesa do chefe em qualquer situação. Todavia, sua ingenuidade a leva a acreditar que Inácio realmente está gostando dela. Fica visível então que seu verdadeiro prazer é o próprio poder, aura representada na figura de Inácio. Para exemplificar, a cena que retrata bem o que foi explanado é quando ele e Sara fazem sexo. Aqui ela atinge o ponto máximo num momento profundamente catártico na qual ela montada sobre Inácio banha-se de sangue. “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, como já dizia Paulo Freire. Contudo, a partir do momento que o personagem de Murilo Benício volta a tratá-la como uma empregada, seu ódio volta-se contra ele, o que a leva a matá-lo a facadas. Finalmente mostra a superação de Sara, agora uma mulher livre e independente, embora a cena final em que ela esquarteja o corpo de Inácio ainda deixe dúvidas se ela fazia aquilo apenas para esconder os vestígios do crime ou por prazer.

Irândhir Santos seria o único personagem realmente altruísta na história, em oposição aos outros que agem segundo seus próprios interesses. Logo no começo, quando Inácio atira em Nuno (Ariclenes Barroso), com exceção de Magno (Humberto Carrão), que estava junto a ele, Djair é o único a se preocupar com o homem caído jorrando sangue no chão do restaurante. Outro momento chave é quando ele fica curioso se Bruno está com fome e comenta que gostaria de cozinhar para ele, descrevendo uma receita inteira. Sua constante preocupação com o bem-estar do coletivo é o que simboliza quem Djair é na sua essência. Ele é o único capaz de amar a si próprio e com isso pode ajudar o próximo. Talvez essa seja a mensagem que a diretora e roteirista queira passar ao final do filme. É a clássica sentença: “Conheça-te a ti mesmo”, normalmente atribuída ao filósofo Sócrates. Para compreendermos o mundo e para sermos mais felizes, o caminho certo provavelmente é olhar para dentro de nós primeiro.

Pág. 11

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE “O ANIMAL CORDIAL”

Pág. 10

RT Features / Reprodução

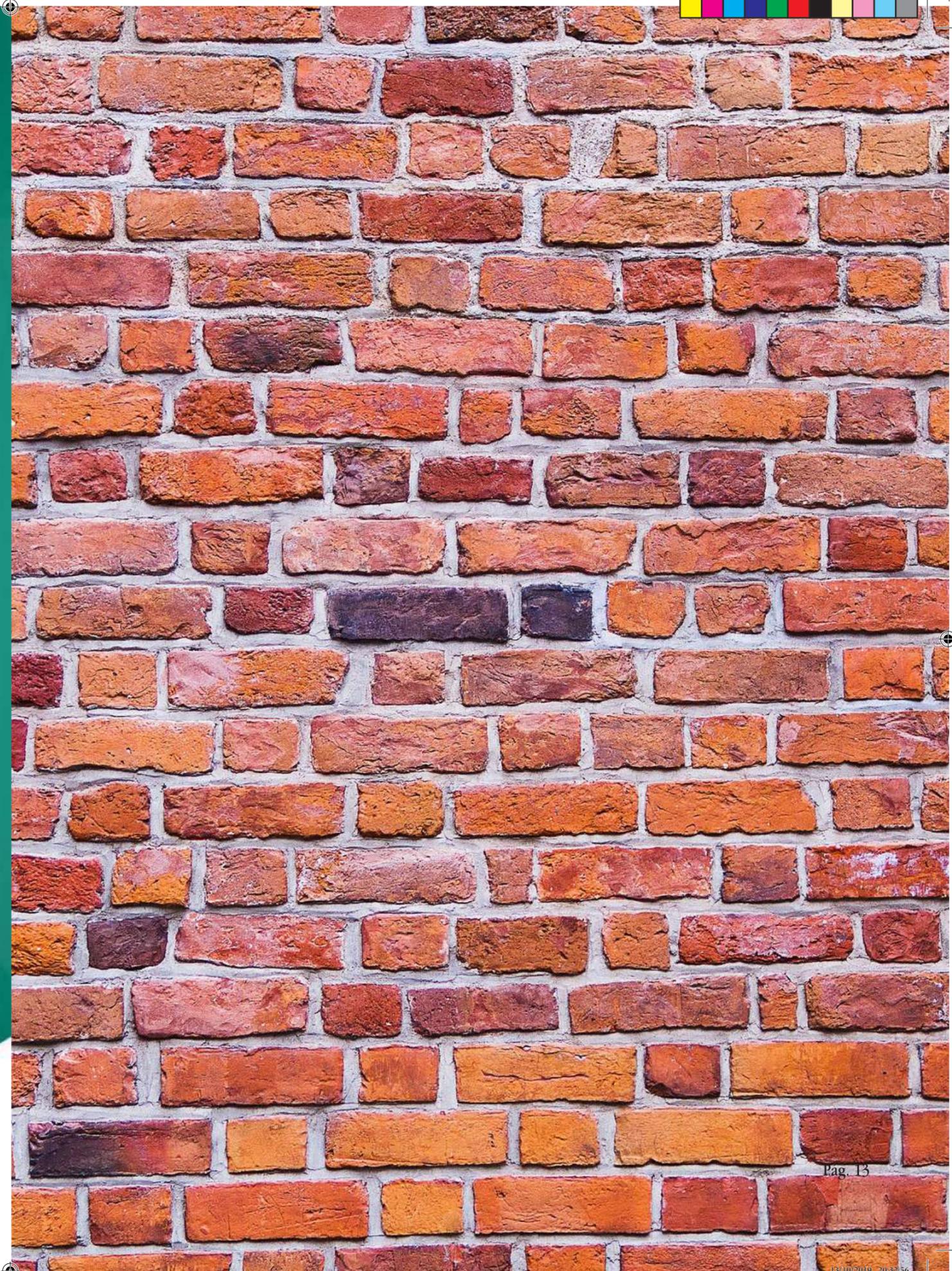


SABE SEU FUTURO? COM A ANHEMBI, ELE PROMETÉ! ANHEMBI MORUMBI, HÁ 40 ANOS CRIANDO CRIATIVOS

*DESDE 1975 FORMANDO OS
MELHORES PUBLICITÁRIOS.
FAÇA COMO A RAÍSSA:
MÁTRICULE-SE E GARANTA
SEU FUTURO.*



PUBLICIDADE E PROPAGANDA
1975 - 2015
Luziânia - Anhembi Morumbi



Por que o grafite é vendido por milhões e a pichação é vista como crime?



Arquivo Pessoal

Por Murillo Vazquez

Em meio a muros de concreto, viadutos, casas, edifícios percebe-se um desenho colorido ou uma palavra estranha escrita em tinta preta. O que tornam essas expressões artísticas passíveis de serem julgadas como crimes ou compradas em um leilão de arte por milhões de reais? Enquanto uma foge dos paparazzis, a outra foge dos policiais.

Para entender melhor essa discussão, vamos conhecer melhor as duas vertentes. A arte do grafite é uma forma de manifestação artística em espaços públicos. Já a pichação, que é o ato de escrever em muros, fachadas de prédios, monumentos, normalmente, é marcada por palavras de protesto ou insultos, além de ser o objeto de demarcação de gangues que disputam um território. O surgimento delas se deu na década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Alguns jovens começaram a deixar suas marcas nas paredes da cidade e, algum tempo depois, essas marcas evoluíram com técnicas e desenhos.

Segundo Marileusa de Oliveira Reducino, professora de Artes Plásticas e Educação Artística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), “o grafite e a pichação estão ligados diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip Hop. Para esse movimento, os dois são formas de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, ou seja, eles refletem a realidade das ruas.” Ambas foram introduzidas no Brasil no final da década de 1970, em São Paulo. De acordo com Reducino, o estilo do grafite brasileiro é reconhecido entre os melhores de todo o mundo. É possível diferenciar o grafite da pichação, pois o grafite é uma obra colorida em sua maioria, com formas geométricas e letras mais cheias, já a pichação é marcada por letras mais secas, retas ou curvadas, mas são traços que dificilmente levam mais de uma cor.

Pág. 14



Arquivo Pessoal

O grafite e a pichação pertencem ao nosso cotidiano



Ilustração mostrando que os artistas buscam lutar pelos seus ideais e como eles são tratados

Mas onde que os dois estão se diferenciando ao ponto de um ser reconhecido mundialmente e o outro ser tratado com desprezo pela sociedade? “As expressões estéticas dessa arte procuram refletir o cotidiano das ruas, procurando retratar as constantes mudanças e cores desses lugares. Essa arte pode ser dividida em dois grupos: o Grafite Hip Hop e o Grafite Acadêmico. No primeiro, tem-se a presença de letras e a representação caricata dos personagens sob forte influência dos elementos da Cultura Hip Hop. No segundo, encontram-se expressões estéticas de pessoas ligadas às escolas de Arte que não possuem vínculo com a cultura Hip Hop, assim como os autodidatas e os boêmios. Conclui-se, então, que em todos os continentes a Arte Grafite faz-se presente num processo de constantes mudanças”, segundo Reducino. Mas para Thiago, mais conhecido como Dent’s pelas ruas de São Paulo, é do interior paulista e membro e fundador da SAP Crew (Somente a Paz): “A arte é um produto onde críticos,

galerias e curadores que avaliam sua forma, procedimento e tudo mais só pelo que gostam, ou arte é pura expressão, na sua essência, do gueto, de quem está se arriscando, sofrendo e tudo mais para poder expressar seus sofrimentos”. Dent’s finaliza questionando: “E o que é arte então?”

A pichação já parece não correr para o mesmo caminho, pois está associada ao longo da história com protestos e manifestações. Para Link Roots, grafiteiro e pichador há 16 anos, “muitos veem a pichação, mas não sabem quem está por trás. O cara picha, mas tem visão do que acontece ao redor. A sociedade não tá ligada, acha que somos todos uns sem ter o que fazer, e não é assim, tem muito pai de família, tem cara que usa droga, tem cara que não bebe uma gota de álcool, é nisso que a sociedade não tá ligada.”

“E O QUE É ARTE ENTÃO?”

Trecho da reportagem feita com o grafiteiro Thiago Dent’ onde ele ressalta a discussão por trás do conceito de arte

Pág. 15



Um dos grafites apagados na Av. 23 de maio, no governo do então prefeito da cidade São Paulo, João Dória

Outros acontecimentos trazem à tona essas discussões quanto a legalidade e definições de arte sobre grafite e pichação. Em 2017, durante o mandato do então prefeito João Dória (PSDB) e atual governador do estado de São Paulo, ocorreu uma ação de remover os grafites e pichações na Av. 23 de Maio, centro de São Paulo, gerando uma onda de críticas e debates, e mostrando uma verdade que alguns desconhecem, que a pichação nasceu durante o governo militar (1964-1985) como forma de protesto, não surgiu querendo agradar. Depois, segundo Link Roots, evoluiu do discurso exclusivo contra os governos para uma contestação mais ampla. “Você pode rodar o planeta e vai ver que grafite é mundial, enquanto a pichação é um estilo próprio do Brasil, principalmente em São Paulo”. Nesse estilo particular, há também o que ele chama de “grapixo”, a escrita de letras com técnicas do grafite, com cor, volume, perspectiva, sombras e degradê.

Tomando base nas ideias apresentadas acima, o grafite e a pichação surgem no mesmo contexto e se diferenciam ao longo de sua história e pelas mãos que os fazem, mas ainda tem o mesmo princípio: expressar por meio da tinta os sentimentos do seu autor. Eles tendem cada vez mais a se distanciar de formas estéticas da arte e da legalidade. Mas ambos representam o ponto de vista, emoções e experiências de seus autores. E para você? Onde encaixa sua arte?



O governador João Dória apagando grafites para “limpar” a cidade de São Paulo.

CCXP 2019

5 A 8 DEZ - SÃO PAULO EXPO

O ÉPICO NÃO SE ESCREVE.
O ÉPICO SE VIVE.

WELCOME TO HAWKINS

GARANTA SEU INGRESSO
WWW.CCXP.COM.BR

15/10/2019 20:00:56



Prateleiras da Livraria Patuscada. O empreendimento serve de ponto de venda para a Editora Patuá

ELAS ARRISCAM E A APOSTA ESTÁ NOS ESTREANTES

Pequenas Editoras se tornam opção para escritores independentes de São Paulo que desejam publicar livros

Por Luana Dias



Da esquerda para a direita: Thais Matarazzo, proprietária da Editora Matarazzo com seu livro *Versejando com Olga*; Hilda Santos, escritora independente com o livro *No silêncio da hora nasce a poesia*, ambos publicados pela Editora Matarazzo

Hilda dos Santos tinha 8 anos de idade quando descobriu que a escrita era sua paixão. Não fazia muito tempo, aprendera a ler e, conseqüentemente, a amar as letras. Entusiasmada com o arranjo que as palavras formam quando são lapidadas, contou WW para avó do sonho de ser escritora. A menina prontamente foi desenganada pela anciã. De família gaúcha com origens humildes, foi alertada: “Minha filha, se tu não quiser passar fome na vida, arruma outra coisa para fazer”. A fala ganhou peso definitivo para Hilda. Até os 45 anos de idade fez de tudo, menos publicar sua literatura. De dona de buffet a vendedora hospitalar, ganhou, assim, o dinheiro que precisava. Dos 45 anos em diante retornou, de repente, para a escrita com vontade de conquistar espaço. Hoje, aos 58, fez da literatura sua atual profissão.

Quando Hilda tentou publicar pela primeira vez um de seus livros, percebeu que não poderia custear a obra. Fez o orçamento com a Editora Chiado de um produto com cerca de trezentas páginas, chamado *Escritores sem Fronteiras*. Considerou que não era suficientemente conhecida para vender uma obra que

custaria caro e decidiu se voltar para a produção de literatura no ambiente virtual. Participou de blogs e se divulgou em redes sociais, como no recentemente desativado *Google +*, espaço em que chegou a obter 800 mil visualizações. Em 2014, resolveu publicar o primeiro livro físico de sua carreira, *O Ogro e a Tecelã*, pela LP-Books. Lançado na Bial Internacional de Livro, a decepção dela viria em dose dupla: no mesmo dia e local onde realizaria o lançamento, estava a escritora Cassandra Clare, autora de *Instrumentos Mortais*, que se tornou o centro das atenções. Depois da má experiência, Hilda se desencantou com a publicação de obras físicas em editoras brasileiras.

Seu receio mudaria em 2018, quando teve de fazer um tratamento dentário. O dentista com quem se consultou, Marcelo Kassab, era um conhecido de muitos anos e comentou com Hilda sobre a experiência que teve com o trabalho e com o suporte que a Editora Matarazzo disponibilizava para seus escritores. As informações deixaram a escritora surpresa. Hilda decidiu tirar a prova e não se decepcionou. “Ela é uma editora diferente. Ela ajuda a divulgar. Desde que eu conheço a Thais [jornalista e

proprietária da Editora Matarazzo], eu não fico uma semana em casa”, afirma. Ela e Thais Matarazzo desenvolveram um laço de amizade permeado pela literatura. Ambas costumam sair juntas para vender livros e participar de eventos literários. Para Hilda, sair do ambiente virtual e explorar o aspecto físico foi a grande oportunidade que Thais ofereceu. “Chega um momento que você tem que sair da virtualidade para a realidade. A Thais veio para complementar. Nós nos ajudamos. Eu com o virtual e ela com o real”, destaca. Atualmente, Hilda realiza a venda de suas obras também pela Amazon, local que está introduzindo no leque de possibilidades da proprietária da Editora Matarazzo.

Assim como Hilda, Maria Fernanda, 38, defensora pública e escritora independente, conheceu a Editora Patuá por meio de boca a boca. Quando percebeu que tinha diversos contos com possibilidade de se unirem em um livro, tratou de buscar pequenas editoras que pudessem publicá-lo. Conheceu o trabalho da Editora Patuá quando seu amigo, Rafael Carvalho, publicou uma obra de poesias por lá. Enviou seu original por e-mail e esperou o retorno. Como avisado pela editora, uma resposta deveria chegar em 4 ou 6 meses. Não demorou tanto. De acordo com ela, em alguns dias o editor Eduardo Lacerda enviou um retorno positivo, oferecendo a publicação da obra de Maria Fernanda. Em 2018, a literatura da escritora presente na obra *Enfim, Imperatriz* ganhou o Jabuti de melhor livro na categoria contos. Uma façanha para a estreante. O prêmio é o mais antigo da literatura brasileira.

O caminho das pequenas editoras é muito destrinchado por escritores independentes que desejam ver a literatura produzida por eles fisicamente representada em um livro. Nesse tipo de mercado, o modelo de negócios destoa do contexto editorial tradicional, por isso, consegue abraçar os escritores não publicados, geralmente ignorados pelo mundo editorial. Thais Matarazzo analisa que, no Brasil, o conteúdo literário consumido é enlatado, já que privilegia escritores internacionais e coloca os nacionais de escanteio. Segundo ela, em bancas, é possível encontrar os grandes clássicos brasileiros; dos autores contemporâneos, um ou outro é incorporado devido ao destaque que ganham quando premiados, por exemplo, como é o caso da escritora Maria Fernanda, com *Enfim, Imperatriz*. Thais acredita que, por isso, as pequenas editoras tenham encontrado um nicho de público pouco explorado. “Para tudo que eles desprezam [o mercado editorial tradicional], porque vende pouco e eles querem grandes lucros, vem editora independente”, destaca.

Eduardo Lacerda, 37, formado em letras pela USP-SP e editor da Patuá, pensa diferente. De acordo com ele, o mercado editorial tradicional faz o que pode para conseguir se manter, mas encara uma realidade diferente das pequenas editoras. Enquanto o mercado tradicional não pode arriscar em obras porque detém uma equipe grande para manter, a editora pequena possui um contingente menor de pessoas trabalhando no processo de edição do livro e, por esse motivo, conta com maior liberdade de escolha. Para Lacerda, “o olhar dela [das grandes editoras] é para



“Acho que eu teria muita dificuldade em publicar o meu livro por uma editora, não fossem as pequenas, como é o caso da Patuá, que aposta em escritores ainda não publicados”, enfatiza Maria Fernanda

algo que consiga ser bom e, ao mesmo tempo, ter muitas vendas”.

Além de arriscarem mais, um dos diferenciais presentes em algumas pequenas editoras é a possibilidade de oferecer ao escritor uma experiência de publicação mais agradável e única em relação ao que as grandes editoras disponibilizam. Thais afirma que tenta humanizar a relação entre editora e escritor: “O autor para mim não é um número. Eu dou assessoria; eu dou todo suporte. Eu permito que ele venha até os eventos que eu faço; vendo o livro, o livro é dele, eu não fico com nenhum percentual”. Ela destaca, porém, que muitos escritores, às vezes por falta de experiência e excesso de expectativa, acreditam no sucesso imediato da publicação. Por isso, a proprietária da editora Matarazzo previne: “Eu sei que tudo que sai da cabeça da gente parece perfeito para nós, mas quando ganha o mundo começa a ganhar a imperfeição dos olhos alheios”.

MODELO DE NEGÓCIOS

Envolvido com a elaboração de produtos literários desde 2005, quando emplacou a criação de uma revista do segmento apoiada pela gráfica da Universidade de São Paulo, onde cursava Letras, Eduardo Lacerda acabou construindo a sua volta uma rede de escritores que desejavam publicar suas obras em livros físicos. Lacerda considerava criar uma editora, mas esbarrava em um fator: as gráficas que conhecia imprimiam um volume muito alto de tiragens e cobravam um preço caro por isso, algo que ele e os outros escritores não poderiam custear.

Em 2010 soube da gráfica Édria, após receber indicação de um conhecido que trabalhava nela. A proposta da empresa era



“A gente ganhou três vezes o Jabuti, duas o Prêmio São Paulo, e, recentemente, o Prêmio Casa de Las Américas em Cuba. A coisa cresceu muito mais do que eu esperava. Eu também trabalhei muito mais do que eu esperava”, conta Eduardo Lacerda, proprietário da Editora Patuá.

Revista [IN]CENA

imprimir livros a partir de 50 exemplares e com boa qualidade. Lacerda se interessou pela novidade e passou o resto do ano resolvendo as partes burocráticas da criação da Patuá. Em 2011 lançou dezenove títulos e, de lá para cá, já foram mais de 800 publicados, uma média de 150 por ano.

Para o editor, o que garante o sucesso do empreendimento é seu eixo-editorial que financia por completo a obra publicada. “Isso, naturalmente, fez com que todo mundo que queria fazer a publicação, mas não tinha dinheiro, fosse publicar na nossa editora. Era uma novidade ali”, afirma. No ponto de vista dele, a decisão dá liberdade para que possa escolher as obras, e auxilia a sustentar a reputação atual da editora que já acumula alguns prêmios literários.

Lacerda esclarece que a possibilidade de não cobrar pelas obras é baseada no pensamento de que tentará vendê-las para o leitor. “Eu faço uma tiragem inicial entre 50 e 150 exemplares, pago essa tiragem, os custos envolvidos, faço o lançamento e vou tentar vender esses livros para recuperar esse dinheiro, e aí, com o dinheiro que a gente recupera, lança mais outro escritor”, pontua.

Os livros da Editora Patuá, para Lacerda, não têm prazo de validade e todos os que foram lançados são reimpressos em pequenas quantidades quando se esgotam. Uma vez que não são expostas em grandes livrarias, as obras se deparam com dificuldades para encontrar seu público leitor, porém o editor enfatiza: “O livro não morre ali no lançamento, há 5 anos, ele começa a vida dele ali, e a gente espera que daqui a 30 [anos]

alguém ainda esteja falando desse livro, porque não quero pensar que as coisas são descartáveis”.

Em favor da promoção do nome da Patuá e de suas apostas literárias, atualmente Lacerda inscreve em prêmios de literatura os livros que publicou ao longo de um ano. Foi assim que o de Maria Fernanda ganhou o último Jabuti na categoria contos. Para a escritora, no entanto, a felicidade em receber o prêmio Jabuti é superada pela que sentiu quando Lacerda aceitou publicar o livro *Enfim Imperatriz*, feito que a consagrou definitivamente como escritora. Maria Fernanda reconhece que a premiação é um marco em sua carreira por fornecer visibilidade, mas ressalta: “Eu costumo dizer que o Jabuti não muda a qualidade do livro. O livro é o que ele é e a qualidade do livro está intrínseca nele e ela se refere só ao livro, ela não está no prêmio”.

Já a Editora de Thaís Matarazzo completou recentemente 4 anos. Diferente da Patuá, todas as obras publicadas são pagas pelo escritor, porém, a proprietária evidencia que o custo é razoável e acessível a grande maioria das pessoas. Em seu histórico, a Editora Matarazzo já publicou 125 livros e recebe cerca de dez títulos originais para a análise mensalmente. Thaís, que também é jornalista, sustenta o jornal e a revista Matarazzo, cujas páginas são comercializadas para os escritores que desejam incluir um conteúdo dedicado a ele na edição.

Ao contrário de Lacerda, que hoje é proprietário da livraria e lanchonete **Patuscada**, espaço onde realiza lançamentos e venda de livros, Thaís conta com pontos de venda terceirizados, mas financeiramente acessíveis. Em São Paulo ela tem parceria com a livraria **Temos Livros**, localizada na Rua São João, e no Rio de Janeiro os livros da editora estão disponíveis no **Instituto Pereira Passo**. Contudo, ela destaca que o maior ponto de vendas ainda é a internet, um meio também utilizado pela Editora Patuá.

Thaís organiza eventos em espaços públicos concentrados no centro de São Paulo para realizar lançamentos de livros e venda dos mesmos, além de levar as obras com ela por diferentes espaços literários quando viaja a outros estados brasileiros. Como dito por Hilda, uma das escritoras publicadas pela Editora Matarazzo, o livro viaja junto a Thaís. A proprietária ressalta que elabora todo o trabalho de diagramação, inscrição do livro no código **ISBN**¹ e é esse serviço que presta pelo qual cobra. As ilustrações são feitas por Camila Giltice, mas é um trabalho aparte, custeado separadamente pelo escritor. Depois, o lucro do livro vendido é totalmente direcionado a ele, porém, caso decida vender a obra pelo site da Editora Matarazzo, ele recebe 60% do valor, os outros 40% ficam com o técnico que cuida do sistema.

A editora ainda promove antologias, livros escritos por mais de um autor cujo valor final é cotizado entre eles. Para esses produtos, ela cobra dos escritores apenas a impressão, entretanto, o valor da veznda das obras é revertido para ela.. Apesar de considerar dificuldades no serviço que realiza, Thaís ressalta firmemente: “Vale a pena [trabalhar como editora] e até quando eu puder, continuarei trabalhando com livros, mesmo sabendo que é muito difícil no Brasil você conquistar o leitor e o autor, mas eu não me arrependo de nada”.

¹Sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora.

URBANA, ELA SEMPRE RESISTE!

Por Luana Dias

Da primeira vez, chegaram em três. Com objetos em mãos, ficaram ali na parte central do vagão. Ninguém pareceu percebê-los. Se organizaram em roda. Um sentou numa espécie de banco improvisado com o equipamento que trazia, os outros dois continuaram em pé. De repente, a surpresa: malas desfeitas, instrumentos musicais na mão; escaleta – uma espécie de teclado portátil com um tubo para sopro – violão e cajon – instrumento latino-americano em formato de caixa de madeira. Não demorou muito, tocaram para uma plateia inteira dentro de um único vagão. Ao final, pediram colaborações e tiveram retornos positivos.

Antes disso, tiraram do celular quem estava fatigado de se afundar na realidade tediosa do momento anterior, atraíram olhares curiosos, vibraram o dia de quem acreditava estar esvaziado de alegria. Sem imposições, começaram o show já alertando: “Se não quiserem, pessoal, podem falar para parar. Ninguém é obrigado a ouvir o que não quer”. Tiveram o silêncio e os ouvidos de todos por algumas estações, ninguém ousou torcer o nariz. Entre a música de Alceu Valença – Anunciando – e outras duas populares, conquistaram o coração de muita gente, inclusive o respeito dos vendedores ambulantes do trem. Um deles parou, avisou para que tomassem cuidado com a guarda de segurança da CPTM e aproveitou para se juntar à plateia. Assim que desceram, deixaram saudades. Uma das senhoras que estava no trem foi agradecê-los de supetão na plataforma.

Da segunda vez, eram apenas dois. Já os conhecia melhor. Entraram no trem da linha coral 11 ainda na estação Luz e desceram duas paradas depois. Um era

alto, magro, moreno; o outro era ainda mais alto, magro e loiro com cabelo rastafari. Foram direto para o show. Apressados, se apresentaram: Marcelo, o moreno, cantava enquanto tocava violão; Willian, sentado no cajon tamborilava as mãos e complementava o ritmo com o chacoalho de pé. Começaram, após uma breve decisão artística, a tocar *Burguesinha*.

Mais uma vez, Marcelo fez de palco o vagão e se apresentava nele como se estivesse no Allianz Parque, com toda sua interpretação musical ali, em passos e gestos. Em meio ao som, ele começou a dizer: “Nada é impossível quando você quer e acredita em alguma coisa. Suas energias são transmitidas para o Universo. Agradecer e correr atrás”. Desabafo ou não, deve ter ajudado alguém a continuar o seu dia. Ao final, soltaram o bordão animado da dupla, identificada como Sintonia Natural: “Quem gostou bate palma que alegra a nossa alma”. Andaram com a touca de tigre pedindo dinheiro e depois partiram.

É com espasmos como esse que a cultura resiste. Em meio aos enxugamentos profundos da máquina pública nos investimentos de uma área já debilitada, a arte urbana agoniza até o fim. Com os tímidos recursos e valorização que sempre enfrentou, marginalizada ela se manifesta. Nem que seja sobre os trilhos, com a música de Sintonia Natural, ou nas paredes de uma cidade sem cor e com falta de sensibilidade. Nem que seja no sorriso de alguém que se sentiu tocado ao contemplá-la em um canto tão singelo, em becos e lugares cotidianos. Nem que seja em um país politicamente polarizado, a arte frequentemente será o elo igual entre tudo que é diferente.



ELES SOBREVIVEM E RESISTEM

Coletivo de teatro independente formado por jovens busca se concretizar no ramo teatral contornando o bairro Cidade Tiradentes com a arte



Rebelia, resistência e autonomia são palavras quase que suficientes para carregar o conceito por trás do cenário independente no campo teatral brasileiro que é, sobretudo, a corrente que pretende ocupar espaços não-convencionais, regionalizar a produção se alastrando para os campos periféricos, manter a liberdade de produção sem recursos financeiros oriundos de instituições e garantir a independência do grupo se esquivando de vínculos com organizações políticas. “A gente não quer entreter, a gente quer conversar, fazer pensar, ter contato e afeto com o público”, diz Dan Claudino, 22, que junto ao seu irmão gêmeo Davi Claudino, representa o grupo Error 404, situado na Cidade Tiradentes, extremo-leste da cidade de São Paulo.

Inquietos e desde sempre adeptos à arte da expressão corporal, os irmãos, até então moradores de Guarulhos, faziam com que suas professoras esperasse que chegassem cansados na escola para que não precisassem lidar com a agitação dos garotos. O teatro de fantoche enchia os olhos dos irmãos e os levaram a+ buscar por um curso de teatro em um espaço chamado Casa Brasil, situado no bairro em que moravam, onde começaram a cursar Artes Integradas, levando o exercício a um nível que os levaram a buscar uma profissionalização para continuar suas jornadas. “Tem um bichinho do teatro que te move e você não consegue mais sair”, comenta Davi.

Foi nas vias estreitas do bairro Cidade Tiradentes, em São Paulo, que um grupo de jovens se conheceram no Programa Vocacional, promovido pela Secretaria da Cultura, e uniram o seu desejo de colocar em prática o que viam como dever levar a linguagem corporal e, acima de tudo, afetuosa para outros jovens moradores do bairro, que se encontra na ponta do abismo social na capital paulista, onde a população possui menos acesso a emprego, saúde e educação, segundo o Mapa da Desigualdade de 2018. “A periferia é um dormitório. Nunca estamos aqui. Ou estamos correndo para trabalhar, ou na faculdade, sempre no centro”, explica Dan, “pensar em teatro, cultura e arte, para essas pessoas, é algo que está além. Não se sentem à vontade porque é um espaço que não foram culturalmente incentivados a frequentar”. Ao perceberem essa lacuna, o grupo toma para si a intenção de estudar experimentos cênicos que se aproximasse da realidade adolescente, além de suas experiências pessoais dentro do recorte em que viviam. Diversas pesquisas e dados levantados no ano de 2016 indicavam um crescimento brutal no número de suicídios entre jovens e adolescentes desde 2012, o grupo, sob consenso de todos, enxergaram a depressão como um alvo para se tocar e, conseqüentemente, conscientizar sua audiência.

Baseando-se no texto Psicose 448, da dramaturga inglesa Sarah Kane, o grupo encontrou um norte para encenar delicadamente o problema do suicídio. Desde a criação do coletivo, o grupo vem realizando apresentações em órgãos municipais, estaduais e federais, como em escolas e outros centros educacionais e culturais da região.

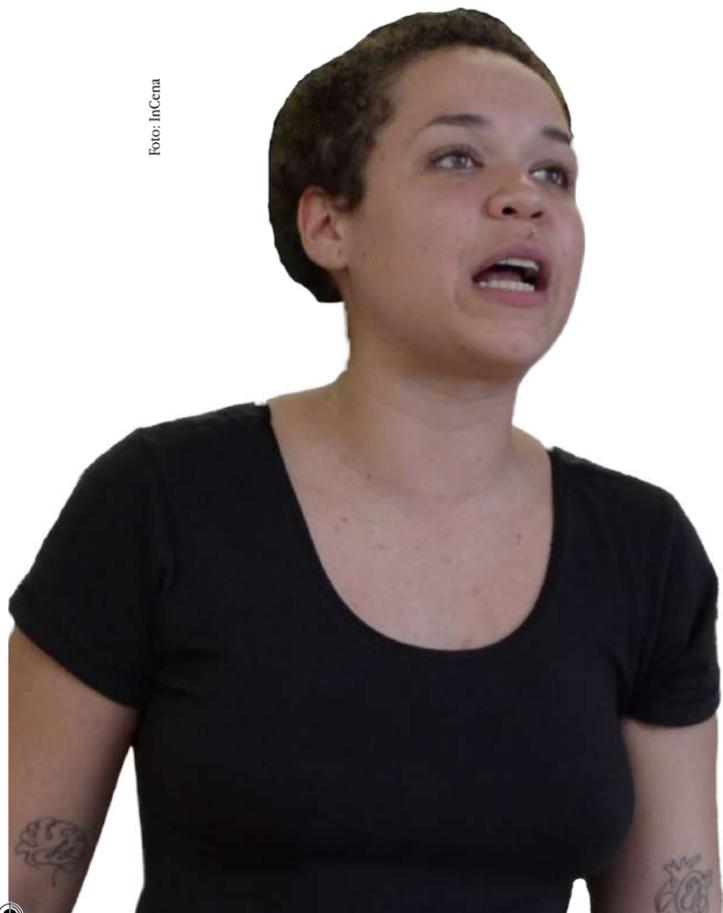
“A gente não quer entreter, a gente quer conversar, fazer pensar, ter contato e afeto com o público.”

“É comum chegar em escolas e sentir um certo estranhamento de início. Em uma delas, as crianças ficaram com expressões de que não sabiam o que estava acontecendo, mas depois pediam pra gente voltar, brincando, chorando na roda de conversa. É mais uma questão de tirar o estranhamento, pois há uma carência de ir além do que aprende em sala de aula”, comenta Victória Barros, 20, uma das integrantes do Error 404.





Foto: InCena



“Tem um bichinho do teatro que te move e você não consegue mais sair”

O teatro é político

Após os anos 90, a cena teatral independente constituiu-se, em sua maioria, pelos nomeados ‘Teatro de Grupo’, junto à prática do ‘Teatro de Rua’, que sublinham extensivamente o cenário no Brasil pós-1964, ano em que os fatores políticos aguçam a necessidade de se repensar e alterar os parâmetros das produções teatrais até então explorados.

Após diversos espetáculos sofrerem censura e repressão do Estado durante o regime militar, que implodiu a perseguição à artistas de vários segmentos em termos de manifestações culturais e anulando a liberdade de expressão, mais precisamente no momento em que o Ato Institucional nº 5, os grupos vão se dispersando e criando estruturas de resistência ao teatro expostamente comercial, como uma alternativa para fugir das repressões e seguir abordando a temática política e social.

Augusto Boal, dramaturgo e diretor de teatro que encarna a resistência política em épocas difíceis, deu início às manifestações ao dirigir o show “Opinião”, em 1964, que criticava a ditadura por meio de canções. Augusto foi exilado e, durante suas passagens pelos países vizinhos, continuou a desenvolver peças de cunho crítico ao sistema político, dando início à era do Independente, movimento voltado às áreas periféricas e refutando a noção das produções comerciais. Esses grupos tentaram resistir, mas houve um descontinuo na produção que abriu um vácuo até os anos 90, em que novos grupos foram surgindo e, hoje em dia, estão por toda parte. “Eles renasceram de uma perspectiva de produção diferente e colaborativa. Isso abarca uma quantidade enorme de grupos, desde os que atuam no centro da cidade, até os grupos da Cidade Tiradentes ou outros locais”, explica Silvana Garcia, autora do livro “Teatro da Militância” publicado em 2004, “eles possuem configurações diferentes, pois atendem realidades diferentes, embora dialoguem em muitas coisas”. Segundo a pesquisadora e também professora da Escola de Arte Dramática da ECA/USP, havendo a possibilidade de uma escalada mais repressiva a partir do atual momento político, os resultados serão os mesmos: redução da produção, inibição da criatividade e revisão dos rumos da pesquisa artística, pois os assuntos podem ser revertidos em repressão caso não haja uma linguagem mais metafórica.

Sabe-se que o teatro é genuinamente uma das principais linguagens distantes das periferias e fora de ótica dos jovens que nelas vivem. Mas foi por meio da escola onde estudavam em que Dan, Davi, Victória, Gabriela, Vitor e Y3ll tiveram o primeiro contato com a arte corporal, ou ao menos identificaram suas aptidões para tal, por meio de oficinas culturais promovidas para os estudantes durante o ensino básico. “Qualquer coisa relacionada a arte, eu queria participar”, diz Vitor Campos, 26, que percebeu a necessidade de aperfeiçoar seus conhecimentos na esfera. “Um dia eu tive a brilhante ideia de falar pro meu pai que queria ser ator. Ele me incentivou a buscar estudos sobre interpretação, história do teatro, da arte, para que eu não fosse só um completo de um imbecil”, recorda Vitor, que recebeu apoio íntegro de seu pai que, como Vitor lembra às gargalhadas, já ligou até em emissoras famosas de TV dizendo que seu filho gostaria de atuar.

O que não foi o caso de Gabriela Rodrigues, que tomou para si o teatro como um hobby desde os tempos de escola, mas que deseja seguir a carreira de advogada e garante que a responsabilidade pela sua escolha se deve ao contato com a política e a cidadania, que teve através das oficinas teatrais em que participou. “Decidi fazer um curso em que eu me identifique e consiga entender sobre as relações humanas e a organização da sociedade”.

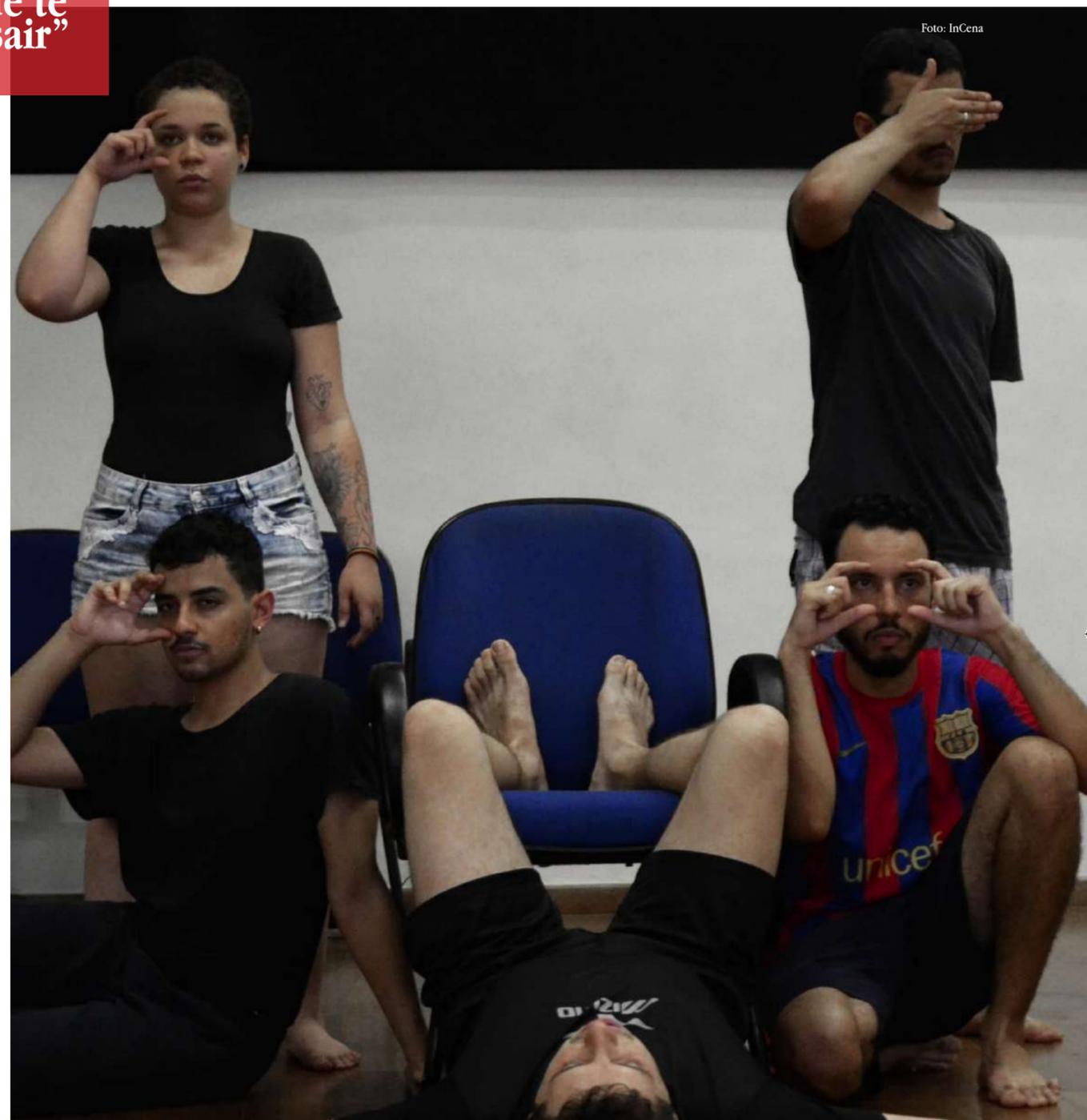


Foto: InCena



Um músico independente não pode apenas saber cantar, tem que ser um bom empresário, assessor e a própria gravadora



Com óculos estilizados com a corda do próprio violão, cabelo Black Power, camisa estampada, bermuda e sapatênis, foi assim que Elias Roberto chegou para a entrevista. Estamos na extrema Zona Sul de São Paulo, em um daqueles cantos que não se sabe bem que bairro é, mas estamos no Campo Limpo.

Elias Roberto, 23 anos, negro, nascido e criado no Capão Redondo, começou a cantar desde de criança na igreja evangélica que os pais frequentavam. Dos 12 aos 19 anos, tocou trompete e trombone na Orquestra Ocadsa. Contudo, apenas passou a levar a sua produção com mais profissionalismo quando sentiu a necessidade de as pessoas ouvirem a sua voz.

Há dois anos Elias escreve suas próprias canções, que normalmente falam a respeito da sua vida pessoal. Mas explica que não tem como não discutir sobre política, uma vez que ele define seu estilo de vida como um ato de protesto. “Andar com meu namorado de mão dada na rua é um ato político e revolucionário. Ser ‘viado da favela’ é um ato político”, opina.

Ainda sem nenhum lugar para tocar, ela usa o transporte público subterrâneo como seu palco, são horas por dia cantando e tentando conseguir algum dinheiro. No entanto, ele desabafa que acontece muito de as pessoas olharem, não oferecerem um centavo e desmerecem a sua arte, achando que é só um hobby. Ele diz que cursa Direito e que faz estágio no bairro do Tatuapé, na zona leste de São Paulo, mas defende que isso sim é um hobby pra ele, enquanto que a sua produção musical seria o principal.

A LIBERDADE TEM SEU PREÇO

Passou o tempo que quem só vivia de música era quem tinha contrato com grandes gravadoras, ou só conseguia tocar em rádio quem tinha um bom empresário. Atualmente, há ferramentas online que os artistas podem recorrer para divulgar suas produções. Aplicativos como Spotify e YouTube “democratizaram” o modo de promover seus trabalhos sem depender da imprensa tradicional.

Todavia, apenas lançar o álbum e as canções nessas plataformas não vão garantir um sucesso imediato, porque para gerar um alcance maior exige que eles paguem por esse serviço para a empresa. Facebook, Instagram, Twitter, redes sociais no geral são o mesmo caso. É preciso que o músico planeje turnês, participe de festivais e agende shows de modo que possa ser independente dessas ferramentas.

“Ser um artista independente é difícil, tem muita dificuldade, muito perrengue, só que ao mesmo tempo tem mais liberdade”, conta Elias. Ele sente que tem liberdade para falar, porque a sua mídia quem faz é ele mesmo. E como ele faz a sua própria imagem, então ela pode ser do jeito que ele quiser e como ele bem entender. Isso reflete no seu trabalho autoral, que diz se sentir livre para compor letras sobre o que pensa, o que quer sinalizar, lutar.

A compositora e cantora, Larissa Baq lançou seu primeiro álbum, “v o a”, feito de forma independente, para algumas nações da Europa e da América Latina.

Ela comenta sobre os cuidados que se deve tomar enfrentar a carreira como músico independente: “É preciso vontade. Depois disciplina e, então, coragem e persistência. Você vai ouvir mil não e ver portas fechadas, o que vai te impedir, às vezes, de conseguir enxergar além e continuar se movendo para ter êxito, mas esses fatores te farão alcançar”, explica.



Revisa [IN]Cena

O sorriso é uma aliado para vencer os obstáculos

A ARTE DE FAZER DINHEIRO (OU NÃO)

Para começar, uma alternativa muito comum é tocar música no metrô para divulgar o seu trabalho. Só que não dá para um músico sobreviver só disso. Além de divulgar o trabalho em redes sociais, serviços de streaming e alcançar ouvintes, é importante construir uma boa network para conseguir espaço e oportunidades de se apresentar, por exemplo, em festivais. Só em São Paulo tem dezenas deles, como o Circadélica, o Locomotiva Festival e o Vento Festival.

Joana Sousa, porta-voz da PAES, produtora independente, conta sobre as dificuldades de viver de música independente logo no início da carreira, pois muitos que chegam lá são pobres e querem fazer música, mas pensam que o dinheiro vem rápido. Ela explica que produzir um álbum não é barato e no final é difícil de vender, porque nem todo mundo gostaria de comprar algo que não conhece. A parte negativa é que algumas vezes, principalmente no começo, é essencial se apresentar de graça para que se abra um leque de oportunidades e fazer com que seja mais reconhecido. Após tanto sacrifício vêem as recompensas. Seu trabalho estará mais valorizado e passarão a te chamar para participar de mais shows, nessa altura, já terá fãs e seguidores o suficiente para conseguir vender seu álbum.

Ajuda extra

Uma boa dica para quem está começando na música é conhecer a Associação Brasileira de Música Independente (ABMI). Ela é uma instituição que une os artistas independentes, isto é, aqueles que não tem condição de arcar com uma grande gravadora e cobram preços mais justos para serviços parecidos.

Os benefícios de se associar a ABMI é que o artista vai ter um convênio com editoras de música, com isso terá licenças de forma mais ágil,

agência de defesa de direitos digitais para o setor de selos independentes, oportunidades exclusivas para a sua música aparecer em filmes, séries, documentários e campanhas de marketing. Será chamado para seminários e cursos de capacitação, poderá verificar onde suas músicas estão sendo acessadas e se este acesso é legal ou não.

METAS

O caminho não é fácil, precisa de tempo, dedicação, paciência e o principal: talento. Todos sonham alto e querem chegar ao topo, Elias tem metas altas para a sua carreira. Seu objetivo é poder viver apenas da música, não precisar trabalhar com mais nada. Seu maior sonho como artista é se apresentar em um estádio lotado, ter muitos fãs e conseguir representar os seus ideais com integridade e respeito. “Se for pra sonhar pequeno a gente nem sonha, fica em casa”, declara.



MULHER NEGRA NOS PALCOS

“Queremos nos ver vivas, felizes, nos atos do cotidiano, dando e recebendo afeto, em novas possibilidades de imagens”, diz Allana Mariá

Por: Gabrielly Santos



Giovanna Bastos e Allana Mariá, ambas jovens e estudantes de teatro no Senac, em uma sala de 11 alunos, são as únicas negras. Giovanna sonha em ser atriz desde sua primeira peça de teatro, mas sempre soube que sua trajetória não seria fácil. “Eu amo encenar, eu amo estar nesse meio, mas eu não quero representar apenas a personagem secundária ou a empregada.” A representação da mulher negra nas novelas e cinema contribui para o aprisionamento do estereótipo do corpo no social, sempre passadas como empregadas domésticas, prostitutas ou amantes, sendo sexualizada. Também como mães solteiras que abrem mão de suas vidas para cuidar da família ou mulheres escravizadas.

O Brasil é reconhecido internacionalmente por suas produções audiovisuais e dramaturgica. Os negros, especialmente as mulheres negras, tiveram uma atuação bem decisiva no sucesso das telenovelas, filmes e peças de teatro brasileiros. Durante décadas, as atrizes negras estiveram em

CON-

Antes de compreender o cenário atual, precisamos voltar ao contexto que apresenta o filósofo e psiquiatra Martinica Frantz Fanon, quando estuda o mecanismo do colonialismo como universalização sendo um privilégio branco. Sendo assim, é visto como algo universal, enquanto o negro não é um “homem” e sim, um homem negro. Seguindo essa lógica, a mulher branca seria a mulher pelo padronizada feminina, a mulher negra é uma espécie específica.

A historiadora Larissa Dias, formada em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com ênfase na cultura negra, iniciou em 2015 uma pesquisa em busca de compreender a origem da imagem negativa da mulher

um patamar abaixo das atrizes brancas, sendo ligada a figura da mulher negra à pobreza, à escravidão e à exploração sexual. A partir da segunda metade da década de 1990, o cenário se altera na medida em que os autores começam a criar personagens negras de destaque e que fogem do estereótipo estabelecido. “A única coisa que separa mulheres negras de quaisquer outras é a oportunidade”, diz a estudante Allana. A jovem acredita que o cenário só irá mudar quando os escritores começarem a ver os personagens negros, a criá-los e quando a cor escura e o cabelo crespo se tornarem uma característica tão comum e aceitável quanto a pele branca e os cabelos lisos.

A naturalização do racismo e do sexismo pelos meios artísticos, reproduz sistematicamente os estereótipos e estigmas sobre negras tendo influência em como sua identidade racial é vista e valorizada no âmbito social. Infelizmente, a mídia ainda está cheia de estereótipos. O que é passado como ficção não deve ser encarado como algo fora da realidade, uma vez que, essa ficção tem um espaço na influência dentro da vida das pessoas.

negra. Para a historiadora, tudo está relacionado à imagem negativa da mestiçagem propagada explicitamente até a década de 1930 e estendida pela propaganda oficial do mito da democracia racial. Desde o século 19, teóricos das raças procuravam enaltecer os tipos puros e colocavam a miscigenação como sinônimo de degeneração racial e social.

“É impossível você estudar a história do feminismo negro, sem citar Lélia Gonzalez, foi uma das vozes que desconstruiu o mito da democracia racial”, lembra Larissa ao revelar qual foi sua maior inspiração para iniciar as pesquisas. Se estivesse viva, Lélia Gonzalez estaria com 84 anos. Ela foi um marco para o cenário atual de luta pela representatividade. Lélia denunciou o

sistema escravista-patriarcal brasileiro, afirmando que não se constitui sobre bases harmônicas, mas na violência racial e sexual que se reproduz desde a colonização na sociedade brasileira.

É visível que os negros sempre foram minoria na televisão, a primeira protagonista negra de um folhetim brasileiro veio

apenas em 1996, na Rede Manchete, com Tais Araújo, como “Xica da Silva”. Dentro da rede Globo, a primeira novela a incluir uma negra no papel principal foi “Da Cor do Pecado”, em 2004. A atriz e diretora, Aysha Nascimento relembra a importância do papel Tais na época, “naquele momento, eu acho de extrema importância, mas infelizmente ainda estava racionalizado um racismo completamente estrutural, de estrutura branca.” Em 2015, após 21 anos de novela no ar, a “Malhação” teve sua primeira protagonista interpretada por Aline Dias, que deu vida a uma jovem faxineira, o que rendeu muitas críticas e acusações à emissora por incentivar o racismo ao continuar mostrando os negros em posição de inferioridade.

“Eu amo encenar, eu amo estar nesse meio, mas eu não quero representar apenas a personagem secundária ou a empregada”, diz a estudante Giovanna Bastos.



Revista [IN]Cena

TEMPOS ATUAIS

No teatro, possuímos algumas instituições independentes, como o Coletivo Negro, buscando transformar os palcos dramáticos através de peças com um novo tipo de representação. Aysha Nascimento, uma das fundadoras e pesquisadoras do projeto, estreou em 2016 o espetáculo “IDA” sobre o feminismo da mulher negra, traz em cena as inquietações, conquistas e perdas da mulher negra contemporânea. A peça constrói um imaginário, diferente do estereotipado já existente, o seu principal diferencial é trazer uma narrativa, o que tanto na dramaturgia quanto na teledramaturgia, não é encontrado. Ao explicar como foi o processo de criação de identidade da personagem, a diretora conta que, “a primeira coisa foi, eu quero uma mulher que tenha uma narrativa, que não seja fragmentada, porque parece que a



Arquivo pessoal

e teledramaturgias estão dominadas pela supremacia branca. Sabrina Fidalgo é uma cineasta carioca em constante ascensão na bolha padronizada do cinema brasileiro, é uma inspiração para a nova geração de cineastas negros. Filha de artistas, cresceu em um ambiente permeado de cultura, tem uma produtora que abriu junto com a mãe, a teatral Alzira Fidalgo. Formada em cinema e teatro, Sabrina sempre teve o audiovisual e a dramaturgia em sua vida, suas memórias mais remotas tem a ver com filmes e peças que assistia quando criança. A diretora conta que o principal motivo de decidir produzir filmes, foi contar as histórias que não estavam sendo contadas. “Eu via um país negro e mestiço com um audiovisual que vendia um ideal de beleza e inteligência branco.” Embora por toda a sua vida, seus pais a bombardearem com imagens de negros americanos empoderados, não era isso que ela via em seu cotidiano. Através de muita luta, podemos perceber avanços a partir de uma sociedade que se modificou e começou a olhar para o

nossa história é fragmentada.” Normalmente, as personagens negras surgem do nada, não somos apresentados a história dela e de sua família, por exemplo. Mas em “IDA” nos deparamos com uma arquiteta negra como um pano para refletir sobre o racismo estrutural e questionar os lugares nos quais as mulheres negras são sistematicamente e historicamente colocadas na sociedade. A arquitetura é usada como um paradoxo, a construção do projeto pela personagem, faz referência a construção da mulher negra.

Segundo a pesquisa “A cara do cinema nacional”, feita pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 84% dos lançamentos de maior bilheteria entre 2002 e 2012 foram dirigidos por homens brancos, 13% por mulheres brancas e 2% por homens negros, mas em nenhum dos dados aparece a mulher negra na direção. Assim, não é difícil perceber que as artes dramáticas

A personagem IDA em seu processo de construção de identidade como uma mulher negra

processo que precisa ser transformado. Giovanna, está prestes a se formar em seu curso de teatro e está esperançosa pelo que vem pela frente em sua carreira e afirma que nunca deixará de lutar pela sua representação, “Precisamos lutar, antes de tudo, para que toda a sociedade reconheça o problema que é o racismo.” A jovem ainda afirma que, o mercado se refaz e se reinventa a partir das necessidades sociais, então pode-se dizer que a negritude nas representações artísticas, está se tornando algo mercadológico.

De acordo com Allana Mariá, a transformação só é possível a partir do coletivo, hoje vemos diversas mulheres negras de todas as idades, assumindo seus cabelos e sua negritude, deixando a supremacia branca de lado e trazendo o empoderamento negro como o centro. “Queremos nos ver vivas, felizes, nos atos do cotidiano, dando e recebendo afeto, em novas possibilidades de imagens”, encerra em entrevista.

Peça “IDA” que mostra a transformação atemporal da mulher negra brasileira

“Eu quero uma mulher que tenha uma narrativa, que não seja fragmentada, porque parece que a nossa história é fragmentada.”



Arquivo pessoal

PAPÉIS IMPORTANTES DE MULHERES NEGRAS:

A busca pela representação da mulher negra nas tramas, é justamente sobre ter uma presença da população negra na mídia em uma perspectiva diferenciada. É a busca incessante pela criação de novos imaginários, para que em um futuro, a

representatividade dessas mulheres seja completa. A seguir, a revista [IN] Cena, separou cinco produções no qual o tema foi abordado ou que causou algum impacto para o cenário atual dentro do contexto nacional.



Arquivo pessoal

A cabana do pai Tomás (1969)

O enredo é sobre Pai Tomás e sua esposa que enfrentavam os fazendeiros e lutavam pela liberdade. A trama gerou polêmica na época, mas por outro lado, foi palco para a primeira protagonista negra, interpretado por Ruth de Souza.

O outro lado do paraíso (2017)

A novela ganhou espaço nas telinhas e chamou a atenção do público com a personagem "Raquel" interpretada por Erika Januza. A protagonista enfrenta diversos preconceitos raciais e sociais durante a trama, tendo uma grande reviravolta no final.



Arquivo pessoal

Besouro (2009)

O filme trata-se de um órfão que se transformou num dos grandes mestres da capoeira. Embora não tenha a mulher negra em seu papel principal, para a atriz Cris Vianna que interpretou "Teresa" rendeu o Troféu Raça Negra 2010, como melhor atriz de cinema.



Arquivo pessoal

Kbela (2015)

Trata-se de uma experiência audiovisual sobre o processo de tornar-se uma mulher e sobre a sua estética. É um filme que tem tido vida em festivais e mobilizado alguns setores da sociedade.



Arquivo pessoal

Movimento Número 1: O silêncio de depois...

Sendo o primeiro movimento do "Coletivo Negro", a dramaturgia busca mostrar a invisibilidade social do negro. A inspiração surgiu da necessidade de aprofundar as relações entre as narrativas pessoais dos próprios atores. A peça está disponível na íntegra para conferir.



Pág. 36



CCXP 2019

5 A 8 DEZ - SÃO PAULO EXPO

O ÉPICO NÃO SE ESCREVE.
O ÉPICO SE VIVE.

GARANTA SEU INGRESSO
WWW.CCXP.COM.BR



QUADRINIZANDO

ARTISTAS DA CAPITAL PAULISTA FALAM DOS DESAFIOS DE PRODUIZIR HQS INDEPENDENTES, DAS OPORTUNIDADES E DOS SEUS SONHOS

Por Alexandre Agassi

Desde criança, o desenho foi a brincadeira favorita de Kris Zullo. Aos 13 anos convenceu-se que ilustrar era o que queria para o seu futuro; um ano depois já se encontrava trabalhando na área. Começou no mercado independente produzindo fanzines, mas com o tempo foi se distanciando e passou cerca de duas décadas no mercado editorial. Hoje Kris é professor de desenho no portal EduK, dono da Kazullo Estúdio, ilustrador, quadrinista independente e morador de Fartura, no interior de São Paulo.

Embora o mercado esteja em ascensão atualmente, fazer quadrinhos independentes ainda é um desafio árduo no Brasil. “Exige muita dedicação, certo desapego, preocupação em manter ritmo de produção”, explica Kris. O desenhista, que hoje é casado e tem dois filhos, enfatiza a importância de saber lidar com a frustração.

Todavia, Kris também salienta as vantagens de trabalhar por conta própria: “Das coisas que mais gosto no independente é a possibilidade de lidar com qualquer assunto, em qualquer gênero, do modo que quiser fazer”. Ele diz que tanto o mercado editorial quanto o independente lhe agradam e que cada um tem suas peculiaridades.

“Primeiro você tem que se organizar pra essa produção que você faz se encaixar no seu ritmo de vida”, afirma Marcel Bartholo, professor e ilustrador de HQs de suspense e terror. De acordo com ele, a produção independente não dá dinheiro imediatamente. É necessário planejar, se programar, dividir o trabalho, como tem feito com o roteirista Rodrigo Ramos em suas últimas HQs, “Carniça” e “Lama”, e que agora está para lançar “O Canil” no final de 2019.

Nascido em Teresópolis, no interior do Rio de Janeiro, Bartholo graduou-se em História, ainda que não quisesse trabalhar na área, já que sua preferência mesmo sempre foi por desenhar. Por essa razão, veio para a capital paulista em 2005 em busca de aperfeiçoar suas técnicas. Desde então se dedicou com ilustrações e passou a lecionar. Seu primeiro gibi só veio em 2016, quando fez “Insubstituível”, junto com o roteirista Mavian, um amigo de São Paulo. Logo na sua estreia,

Arquivo Pessoal



AUTORRETRATO DE KRIS ZULLO EM SEU LOCAL DE TRABALHO



“KRIS APONTA QUE QUANDO SE TRABALHA NO INDEPENDENTE, O CONTATO COM O PÚBLICO É MUITO MAIOR EM COMPARAÇÃO COM O MERCADO EDITORIAL”

Bartholo foi indicado a melhor colorista no HQMix, principal premiação de quadrinhos do país. Aos 37 anos, Marcel hoje mora em Sorocaba, no interior de SP, onde dá cursos, palestras e oficinas de desenho.

Suas HQs são colocadas a venda em lojas físicas e online, porém a maior parte do comércio acontece nos eventos, segundo conta. Os grandes como a Comic Con Experience (CCXP), bem como outros

COM SEU ÓCULOS DE CORES VIBRANTES, BARTHOLO FAZ SEU PRÓPIO ESTILO, QUE ALÉM DE QUADRINISTA, TAMBÉM ADORA TOCAR ROCK



Arquivo Pessoal

menores, o que requer planejamento para poder viajar. Bartholo defende que o mais importante de trabalhar no independente é mostrar que no Brasil se produz quadrinhos dos mais variados gêneros com o objetivo de “estimular pessoas a ler coisas diferentes”.

Enquanto isso, Vinicius Posteraro, 23 anos, morador da cidade paulista de Bauru, conta com uma carreira ainda no início. Diante das dificuldades, ele aponta que a maior delas é achar uma forma de tornar o trabalho sustentável. “Você fazer e chegar até os leitores sem se sacrificar tanto”, elucida. E mesmo que o autor se submeta a uma responsabilidade muito grande, ele também fica muito livre para produzir o que lhe agrada, o que Posteraro vê como um ponto vantajoso.

Suas lembranças remetem por volta dos seus 12 anos, quando fez suas primeiras ilustrações, e postava num blog pessoal. Ali Posteraro tinha certeza que era esse o seu sonho e faria de tudo para viver nele. Sua carreira deu sua guinada quando o editor Matheus Moura leu seu gibi “Erros” e pediu para publicar na revista “Camiño di Rato”.

Após isso, ambos fecharam uma parceria que já rendeu várias histórias, como nas coletâneas “Matéria Escura” e “Cartografias do Inconsciente”. Atualmente, Posteraro esteve produzindo Grututu – O Último Filho, programado para setembro desse ano. Esta é primeira vez em que ele assina roteiro e arte numa HQ – “Projetos grandes são os que você mais aprende”.

Por outro lado, Kris Zullo é mais pragmático ao citar as dificuldades. Ele fala das etapas de confecção de uma história e pontua que todas são de responsabilidade do autor quando se trabalha no independente. “Da elaboração à produção, impressão, precificação, armazenamento e distribuição”, esclarece, e termina enfatizando que a maior parte das vendas acontece nos eventos; por isso é importante “estar antenado nas datas de inscrições para mesas”.

Outra questão apontada por Kris é que o contato com o público é muito maior em comparação quando se trabalha no mercado editorial. Para exemplificar, ele cita a época em que esteve na revista Recreio, da editora

Arquivo Pessoal



CAPA DA HQ “ESCRITOS SOMBRIOS: A NECROMANTE”, ARTE DE BARTHOLO E ROTEIRO DE DROUGLAS FREITAS

Abril. As tiragens eram de 80 mil por semana, e dessas chegavam a vender de 60 até mesmo 80%. Contudo, sua proximidade com as pessoas que o liam era nula. Com seu retorno ao independente na fanzine “Ao Léu Vol. 1”, ele diz estar sendo “muitíssimo compensador” poder conversar com quem o acompanha.

FICOU MAIS ACESSÍVEL

Nos últimos anos, há muitos artistas financiando seus próprios projetos; com isso mais lojas voltadas ao consumo de quadrinhos têm surgido. É o que conta Daniela Utescheira, 35 anos, dona da loja e editora Ugra, e também organizadora do evento Ugra Fest. Segundo ela, até uns 10 anos atrás era impossível ter um lugar de

venda voltado apenas ao mercado independente. “Porque questões, como o acesso à gráfica, tudo isso mudou”, justifica. Com isso, atualmente um artista pode entrar em contato e pedir para imprimir quantos exemplares quiser.

Criada em 2009 por Daniela e seu marido, a Ugra começou como um evento direcionado ao independente, o Ugra Fest, realizado até os dias atuais. Junto a ele, veio a editora, que a princípio publicava anuários de fanzines. O site Ugra Press foi aberto em 2013 para vender quadrinhos de outros artistas, além dos produtos da editora. Por último, em 2015 veio a loja física, localizada na Galeria Ouro Velho, na Rua Augusta, em São Paulo.

“A gente é uma referência de loja que dá esse espaço pra autores independentes”, afirma Daniela, que destaca



Revista IN Cena

também o Ugra Fest. Sua última edição realizada em 2017 no Sesc Belenzinho, na capital paulista, reuniu mais de 100 mil expositores. Para ela, tanto como loja quanto como evento a Ugra tem contribuído para que o público faça parte desse universo da nona arte e da cultura do “zine”.

Atualmente, há várias alternativas para o autor publicar sua história. Existem editoras pequenas, pode-se abrir uma campanha de financiamento coletivo, tem o ProAC Expresso, entre outros. Mas qual caminho seria mais fácil: publicar com uma editora ou ir direto a uma gráfica? Daniela explica que depende da relação que os artistas têm com a editora: “se você for um completo desconhecido às vezes é difícil uma editora simplesmente abraçar e sair publicando e distribuindo no Brasil inteiro”. Entretanto, ela conta que conhece artista que publica em editora, mas também faz questão de lançar no independente, algo que é muito comum.

Dentre os mais conhecidos, o Catarse é uma plataforma de financiamento coletivo; ou seja, o próprio público pode investir nos projetos dos autores. Nele, o autor abre uma campanha, define um orçamento e uma

meta de arrecadação. Bartholo utiliza o Catarse já há algum tempo; em seu mais recente trabalho em parceria com o roteirista Douglas Freitas, “Escritos Sombrios: A Necromante”, pretende juntar R\$ 5,5 mil.

Outro meio é o Programa de Ação Cultural (ProAC Expresso), do Governo do Estado de São Paulo. O programa foi criado com o intuito de patrocinar a divulgação e produção artística e cultural no Estado. O ProAC Expresso se divide em duas categorias: o editais e o ICMS. O primeiro se trata de um financiamento direto do governo. Cada edital é voltado a um segmento; após uma seletiva, os projetos escolhidos captam a verba diretamente da Secretaria da Cultura e Economia Criativa.

Em contrapartida, o ProAC Expresso ICMS funciona por meio de um fomento indireto. O governo incentiva empresas sediadas no Estado a patrocinar artistas. Em compensação, elas recebem desconto no ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Para fazer parte, o projeto do artista deve passar por uma comissão especializada que irá analisar se a proposta possui relevância artística e se é adequada para o plano orçamentário apresentado.

ALÉM DOS LIVROS, O ACERVO DA UGRA TAMBÉM CONTA COM COLEÇÕES DE CLÁSSICOS DO CINEMA

“A GENTE É UMA REFERÊNCIA DE LOJA QUE DÁ ESSE ESPAÇO PRA AUTORES INDEPENDENTES”, AFIRMA DANIELA

Já para a empresa, ela só tem que ser contribuinte do imposto e estar com as contas em dia.

A IMPORTÂNCIA DA CCXP

A Comic Con Experience (CCXP) é o maior evento de cultura pop do mundo. É realizado anualmente desde 2014 no São Paulo Expo, na zona sul da capital. O público da CCXP tem crescido exponencialmente: na sua quinta edição em 2018 bateu a marca de 262 mil visitantes e mais uma vez promete superar esse recorde em 2019.

Aos 46 anos, o sócio-fundador da Chiaroscuro Studios e da CCXP, Ivan Costa, fala do efeito positivo do evento para os quadrinistas independentes. “Ofereceu pros artistas um lugar para que eles pudessem encontrar o seu público, fazer grana, vender o seu trabalho e assim refinar para criar novos projetos”, avalia.

No centro da feira, encontra-se o “coração da CCXP”, o Artists’ Alley, o espaço tradicional onde reúne quadrinistas, ilustradores, coloristas, roteiristas, arte-finalistas e muito mais. Ivan afirma que o espaço existe em praticamente todas as Comic Cons mundo afora. “Maior ou menor, mas sempre está ali presente”, observa.

Ainda assim, o Artists’ Alley recebe todo ano muitos convidados brasileiros e estrangeiros do mundo do mainstream, como da Marvel e da DC Comics. Ivan assegura que pros próximos anos o espaço continuará tendo majoritariamente artistas independentes. Ele destaca seu compromisso em promover os quadrinistas nacionais: “A ideia é que seja um espaço nosso pra mostrar a nossa produção”.

Marcel Bartholo exalta a importância de eventos como a CCXP, que já participou de duas edições, a primeira em 2016 e a segunda no ano passado. No entanto, ele também defende que aconteçam mais feiras em cidades além das capitais. “Não adianta você ficar focado apenas nos eventos grandes, você tem que ir aos eventos pequenos, estimular que eles aconteçam”, ressalta. Ele diz que é fundamental que livrarias realizem debates, tragam autores pra manter essa “coisa viva”, já que hoje pra comprar um livro

tem a internet, como a Amazon e outros sites.

ROTINA E DIFICULDADES

“Quando você vai fazer uma coisa autoral, você tem seu próprio tempo”, reitera Bartholo. Ele sugere que sejam estipulados cronogramas, horários de trabalho, de modo que a produção consiga ser finalizada no prazo. Ele dá aulas duas vezes na semana, e tem o ensaio da sua banda de rock, Efeito Imoral, que acontece semanalmente. Por isso, normalmente seu tempo dedicado ao seu trabalho autoral acontece um pouco de manhã e no final da tarde e começo da noite, chegando a ir madrugada adentro de vez em quando.

Posteraro, por outro lado, passa a maioria do seu tempo na empresa onde trabalha com design gráfico, sua atual fonte de renda. Acabam lhe sobrando o seu tempo em casa e os finais de semana para focar em seus próprios projetos. “Por isso é fundamental gostar do que faz, ter vontade e se divertir”, conclui.

Um dos problemas mais comuns entre qualquer artista é a crise de ideias. Isto é, aquele momento que toda criatividade parece se esvaír e a autocobrança bate a porta, e a pessoa não sabe o que fazer para resolver. Por esse motivo, cada um desenvolve algum método de superar a tal crise. Bartholo conta que enfrenta esse tipo de situação constantemente. Ele comenta que costuma fazer seus quadrinhos fora de ordem. E quando está “travado” numa página, ele parte para outra mais a frente e depois volta. Para organizar, antes de tudo ele planeja um esboço para ordenar as páginas e ter uma ideia de como vai ficar, mas não segue um padrão para definir e colorir.

“Não tem uma solução certa, uma hora a mágica acontece e ela está lá de volta”, comenta Posteraro sobre o mesmo problema, que diz passar frequentemente também. Para ele, é preciso compreender o porquê da crise. Ele tem que refletir e tentar descobrir aquilo que está lhe bloqueando: “Tem coisas que te impedem de fazer um bom trabalho, sabe. Inveja, arrogância, prepotência, egoísmo mata a criatividade”.

SONHOS E EXPECTATIVAS

“Tenho muito apreço por toda a minha trajetória, todo sofrimento, desgaste, sacrifício e conquistas que tive até aqui”, avalia Kris Zullo; não obstante, acredita que ainda não tenha atingido a sua maturidade artística.

Bartholo, em contrapartida, acha que irá evoluir ainda mais. Seus objetivos são diversos. Deseja produzir muito mais gibis, assinar o roteiro de um de seus projetos também, fazer uma animação ou um jogo, ser convidado para comparecer em eventos, continuar dando aulas e, sobretudo, ter um trabalho mais consistente. O que pra ele significa poder se sustentar de maneira melhor com o dinheiro que faz apenas com suas HQs e, talvez, até mesmo planejar uma viagem só com o que ganhou do seu trabalho.

Mesmo no início da carreira, Posteraro demonstra preferência por fazer histórias em quadrinhos. Contudo, não vê problemas caso sua carreira mude de rumo e vá para animação ou games, por exemplo. Ele se diz ser bem “flexível” e seja para onde que sua carreira se desvie, ele estaria satisfeito.

De forma semelhante, Kris também gostaria de ir para a área de animação e games. Outra meta é fazer com que seus gibis alcancem o mercado internacional, destaque para a Europa, pois seria onde mais se parece com seu estilo, conforme conta. Porém, seu verdadeiro sonho é dar uma boa educação a seus filhos. “Para que cresçam pessoas ‘bacanudas’, interessantes, empáticas e de cabeça aberta ao mundo e suas diferenças”, comenta.

DESENHO DE VINICIUS POSTERARO.
NA IMAGEM AO LADO, SEU TRABALHO
RELEMBRA A ARTE DA CARICATURA

O verdadeiro ritmo do transporte público

Pág. 46

Grupos de dança mostram a verdade por trás do hip-hop dentro dos vagões de São Paulo

Felipe Ayres e Vinicius Danjó

Pelos vagões de São Paulo, vemos diversas pessoas que de alguma forma tentam fazer seu ganha pão, vendendo produtos, recitando poemas ou realizando alguma apresentação ligada a música e dança. Artistas que tentam buscar seu espaço e demonstrar sua arte para quem está indo ou vindo do trabalho ou faculdade. Sendo assim, o hip-hop, que pode ter como expressão o próprio rap, manteve sua pegada rítmica e, ao mesmo tempo, crítica. Juntando todas essas ações, acabou atraindo a sociedade que utiliza os transportes públicos, “locais inapropriados” para tal música. Mas que, por causa dessa ação “diferente”, atrai a atenção das pessoas, causando assim uma boa impressão e uma forma de segunda renda para muitos.

Grupos relacionados ao hip-hop possuem uma mistura de passos e palavras capazes de melhorar o humor das pessoas. “Semana passada, estava voltando do trabalho bem irritada e com muitas coisas na cabeça me incomodando, quando apareceu um cara rimando. Ele mexeu comigo, achei demais e assim ele me deixou com um humor muito melhor”, conta Raphaela Cardoso, jovem que utiliza o transporte público todos os dias.

O maior problema que esses artistas enfrentam é que eles não contam com patrocínio. Dessa maneira, a população que usa o transporte público é a única e possível fonte de renda. Com isso, muitos passam o dia todo andando pelas diversas estações de metrô em São Paulo. Seus horários de descanso só chegam durante a hora do rush, na qual normalmente é o momento que o trabalhador volta para casa, entre 18h até 19h30.

Há grupos que contam com um trabalho fora dos vagões e acabam usando a rima no metrô apenas como uma forma de tirar uma quantia a mais para ajudar no dia a dia. Um exemplo claro é de Piken Kebra, que completa dez anos no ramo da dança. É também instrutor de inglês e espanhol, intérprete e instrutor social. “A contribuição é compartilhada e investida no grupo”, explica. Se todos os membros dependessem do que ganham nos vagões, muitos não iriam conseguir se sustentar, então, o trabalho por fora é essencial.

Nem todos os dias, o grupo ganha uma boa contribuição, mas para eles, a alegria que as pessoas demonstram não tem preço. “Alegrar a viagem de todos, principalmente daqueles que estão tendo um dia ruim, motivando a galera que há uma nova possibilidade de se

viver, é muito bom” afirma Jesus da Rimas

É aquilo que dizem, persistência é a chave da sua vitória. Todos os grupos de dança sempre vieram sem medo e com vontade de mostrar o hip-hop para pessoas que não estão habituadas com tal estilo. Chegar mostrando o verdadeiro movimento que move periferias e muda a cabeça da sociedade devido a falta de informação e cultura. Muitos não entendem o que se passa. Porém, com o tempo, todos começam a entender a dificuldade e persistência dos que lutam para demonstrar seu talento, tal ação que deveria ser mais valorizada pela sociedade que em alguns momentos criticam o indivíduo que busca conquistar seu ganha pão dentro do transporte público através de apresentações ou algo do tipo. “No começo as pessoas estranham”, conta o grupo de dança Ninjas BR.



Revista [IN] Cena

Pág. 47



Ilustração que nos mostra a irmandade que o hip-hop forma

Um caso claro seria o do Rimadores do Vagão. Antes de se juntarem, o conhecido MC do Trem, que antes era camelô no Rio de Janeiro, já fazia rap. Mas quando veio para São Paulo ele foi um dos primeiros a mandar umas rimas nos vagões, e isso tudo era novidade por aqui. Ninguém espera que chegará alguém e mandará umas rimas direcionadas ao público ou como uma crítica direta a nossa sociedade. Tudo isso era novo e acabou chamando a atenção de outros que já estavam ligados ao hip-hop, como o Conspira e o Jesus das Rimadas. E com essa junção entre amigos, os Rimadores do Vagão se formaram.

Do mesmo jeito que não é para qualquer um chegar e dançar, rimar também não é fácil. Nada é planejado, você chega lá e faz, ninguém espera o que irá sair da boca do rimador. “Você não sabe o que as pessoas estão esperando, as rimas não estão prontas, mas a gente sabe o que dizer para cada tipo de pessoa”, afirma Jesus das Rimadas.

Utilizar o hip-hop para alegrar as pessoas é uma ferramenta muito utilizada pelos grupos, embora às

vezes uma referência sobre o que se passa no nosso país seja necessária. Passar um ponto de vista sobre o atual cenário político, sobre algumas questões raciais, de periferia, de cultura, faz com que seja importante para todos os ouvintes entenderem a realidade.

Sem receptores para ouvir a mensagem que o hip-hop passa, torna tudo mais difícil. Porém, com o grande número da população de São Paulo, tendo mais da metade da sociedade usando o transporte público, acaba ficando mais fácil de atingir uma grande quantidade de pessoas, são tantos, que até parece público de um show. “Se você fizer vinte vagões no dia, que não é muita coisa, você vai se apresentar para uma média de mil pessoas. Cantando meu rap, é difícil fazer um show para mil pessoas”, observa Jesus das Rimadas.

Isso tudo demonstra a força que o hip-hop e os transportes públicos possuem. Uma melhora para a viagem do passageiro, e uma sensação de satisfação para quem exerce um trabalho que vem ganhando força nos últimos anos. A música e a dança estão



Hip-Hop na mente

Entenda o que é hip-hop

O HIP-HOP É UM DOS MOVIMENTOS CULTURAIS QUE HOJE SÃO UM DOS MAIS FORTES NO MUNDO, QUE UNIFICA A PERIFERIA, TRAZENDO LAZER E UMA IDEIA DE CULTURA. NÃO SÓ NA ARTE MUSICAL QUE É O RAP, MAS TAMBÉM COMO ARTE VISUAL, A DANÇA E A CULTURA DE PRODUÇÃO DENTRO DA PRÓPRIA PERIFERIA PARA A PERIFERIA. PARA QUE TODOS CONSIGAM TRAZER PROCESSOS CULTURAIS PARA AS PESSOAS E QUE ELAS NÃO LIDASSEM COM OS PROBLEMAS E DIFERENÇAS DE UMA OU OUTRA FORMA VIOLENTA E SIM ATRAVÉS DA CULTURA, COMBINANDO A ARTE, A DANÇA, A MÚSICA E A ARTE PLÁSTICA, QUE SERIA O GRAFITE.

O HIP-HOP UNIFICA E TRAZ UMA CULTURA QUE É PRÓPRIA E ESTÁ FALANDO DAQUELA VIVÊNCIA, ASSIM COMO FOI O SAMBA NO PASSADO E É ATÉ HOJE AQUI NO BRASIL. O RAP UNIFICA ISSO PARA O MUNDO INTEIRO.

NÃO SÓ NA MÚSICA, MAS TAMBÉM COMO CRÍTICA SOCIAL, O RAP NASCEU DA NECESSIDADE DE CRITICAR, POR MAIS QUE OS PRIMEIROS MOMENTOS DO RAP, NOS ANOS 70, ERAM FEITOS PARA DANÇAR E CURTIR. HOJE POSSUEM O CHAMADO QUINTO ELEMENTO, O CONHECIMENTO, A CRÍTICA. DO FINAL DOS ANOS 80 PARA OS ANOS 90, AQUI NO BRASIL, ERA CHAMADO DE CAUSA SOCIAL. O RAP RELATA A VOZ DO OPRIMIDO, SEJA FALANDO DOS AMORES, DAS MAZELAS QUE É VIVER NA PERIFERIA, DO VENENO QUE É CORRER ATRÁS DE DINHEIRO PARA SUSTENTAR SUA FAMÍLIA, NÃO TER DIREITO A ASSISTÊNCIA, NÃO SER MAU TRATADO NO HOSPITAL. ESSE É O ÚNICO ESTILO MUSICAL QUE VEIO PARA COMBATER TUDO ISSO, MOSTRANDO QUE É UMA CRÍTICA.



Entrevista com

Andres Ciero, o Jesus das Rimas



Revisia In-Cena

Por que “Jesus das rimas”, e qual seu verdadeiro nome?

Meu nome é Andreas Ciero. Eu sempre usei esse nome nas batalhas, assino assim. Mas quando eu comecei a chegar no “rolê”, eu não fui um cara de festas típicas de hip-hop, da balada. Fui para onde eu estava habituado, que era no centro e aí fui colar nos “rolês” ligados ao hip-hop, que é majoritariamente negro, com poucas pessoas de pele clara. Eu chegava lá no meio, cabeludo, barbudo, e destoava. Do nada mandaram Jesus e ficou o “mano Jesus”, “Jesus do hip-hop”, “Jesus da rima”. Acabei assumindo, inclusive no meio das batalhas.

Os rimadores do vagão, quando surgiram?

Então, vou falar que minha primeira experiência no “Rimadores no Vagão” foi o seguinte, em 2016, o mano do trem (Mc do trem) veio do Rio de Janeiro para São Paulo. E ele deu iniciativa em alguns roles aqui, começou a rimar no metrô e antes disso, ele já vendia doce, sorvete lá no Rio. Quando chegou em São Paulo, começou a recitar a letra dele no metrô, começou a fazer freestyle e passou a visão para o Conspira, que é um parceiro nosso lá do Grajaú. Eu trabalho com audiovisual também, e aí eu fui fazer umas fotos para a capa do disco do Conspira, na hora que a gente foi voltar, ele falou que estava rimando pelo metrô, então ele me passou a visão e a gente começou a rimar, achei “muito louco o bagulho”. E aí foi passando um para o outro, o Dipraia começou a fazer beatbox e a rimar também, o Pauê, o Kauan e várias pessoas começaram a rimar separados. A gente olhou e decidiu unificar essa ideia. Tivemos a referência do nosso amigo Tremklan, que foi do Utanklam, um grupo americano que todo mundo era fã. E aí a gente juntou um time para se organizar e falar em transformar isso em algo maior, nos unirmos e fazer a parada acontecer.

Você fez uma música para uma pessoa, e quando saiu você pensou se essa pessoa estava em um dia ruim, que você melhorou o dia dela, é um sentimento bom?

Muito! Já aconteceu algo assim de eu entrar no vagão e vir rimando, aí chegou uma senhora no fundo, chorando, fui lá e cantei um pedaço da música do Criolo. E no meio do hip-hop continuei rimando, falando que ela estava linda e não sei o que. Desci no vagão e ela veio atrás de mim, “vem cá moço, preciso falar com você, posso te dar um abraço?” Ela me abraçou e chorou, disse que eu tinha feito ela se sentir melhor. Perguntei se ela estava bem, disse que estava passando por uma mudança na vida dela, que é meio complicado, mas tudo irá melhorar. Eu dei um ar de esperança, eu fiz ela sair do foço, enxergar uma coisa além do que ela estava vivendo ali, porque às vezes o mano só está estressado porque brigou com a mulher e está indo para o trabalho. Ele vê o mano

rimando, faz uma graça, dá uma risada e aí ele já esqueceu daquilo, ele bate na cabeça e pensa que talvez tenha sido muito duro em relação a treta com a mulher dele. A fita é que com a rima, você muda o clima e lógico, a gente entrou pela necessidade financeira. Não dá para mentir, todo mundo quer pagar aluguel, tem família, tem uns com filhos, água, luz, nós queremos comer bem, e entramos por uma necessidade de sobrevivência. Mas não tem pagamento melhor do que alguém vir, fazer um vídeo seu, um abraço, porque isso te dá um gás para mais uns mil vagões a mais, essa que é a real.

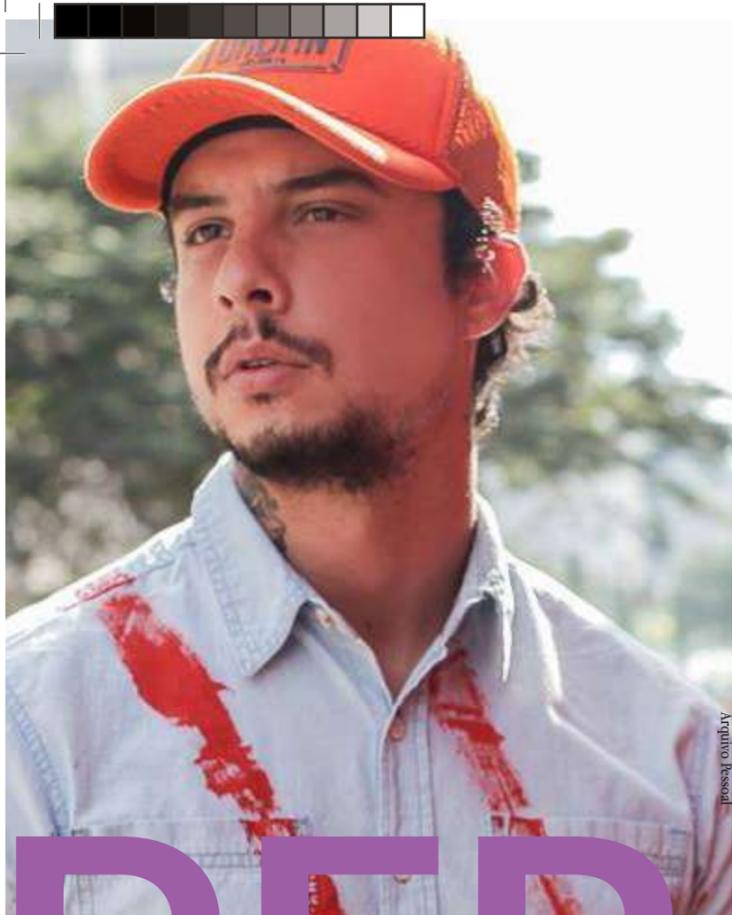
Como surgem as rimas? Você lê bastante, elas veem na sua cabeça ou você já sabe mais ou menos o que vai cantar?

Então, vamos pensar assim, estamos fazendo uma intervenção artística em um ambiente que já diz que a gente não consegue conhecer quem está lá. Você não sabe o que as pessoas estão esperando, então não que as rimas estão prontas, mas nós sabemos o que dizer para cada tipo de pessoa.

Você considera seu trabalho independente ou mais como um hobby? E o que você faz quando não está cantando nos vagões?

Meu momento atual, é mais um escape dos meus problemas, uma forma de eu me soltar. De 2016 até o final de 2018, isso foi meu ganha-pão, eu comia todo dia com o dinheiro disso. Meus trabalhos no audiovisual estavam muito ruins, e eu fui buscar isso por causa da minha situação financeira, e essa foi a forma de me sustentar. Eu paguei o aluguel da minha casa, conta de água, conta de luz, meu rango e o da minha “mina”, todo meu corre. Mas tinha horário para entrar e sair. Chegava umas dez, que é o horário bom para começar e ia até umas quatro da tarde, que aí depois começa a encher e não tem como ficar andando pelo vagão, fica difícil e aí eu ia nesse horário. E se tivesse precisando de mais grana, ficava no turno da noite, esperando até umas sete horas da noite, sem horas para acabar. É um trampo real, não é uma brincadeira, quem rima no metrô leva muito a sério, eu estou vindo muito menos esse ano. Final do ano passado, graças a Deus aconteceu coisas boas na minha vida profissional, melhoraram e eu consegui abrir um estúdio de música.

A gente montou um estúdio para começar a tentar chegar num nível melhor, conseguir esse mesmo foco que a gente tem no metrô. Só que com as nossas poesias, nosso hip-hop gravado, fazendo isso no palco, porque aqui, dentro do metrô, nós estamos reivindicando o palco. Falta palco para todo mundo, não tem, então é esse o modo de reivindicar. Agora, hoje, para eu ir para o metrô, é quando eu estou de boa, vai ser legal fazer uma grana extra e vai me ajudar minha cabeça e no bolso. Eu vou lá e faço, é muito bom para mim, mas como a maioria das pessoas que rimam no metrô hoje, é um trampo, como se fosse com carteira assinada e tudo mais e faz hora extra.



PERFIL

Por Luiz Gustavo Gonzales

Ter a arte como profissão, seguir seu rumo sem se importar com o que vão dizer ou pensar, ter sucesso e hoje se orgulhar do seu longo e duvidoso caminho, são essas e mais algumas coisas que o nosso entrevistado de hoje nos contou um pouco nessa edição do nosso perfil.

Rômulo Dias nasceu na cidade de Porto Alegre, em 1991, em uma casa simples, em bairro humilde, o Parque dos Maias. Com uma infância tranquila e normal, Rômulo cresceu fazendo o que toda criança faz, desenhando. Por mais que seu bairro

fosse apenas mais um entre muitos, era perigoso brincar nos arredores de seu bairro e ele nunca teve vizinhos próximos a sua casa para jogar o famoso futebol na rua, com todos esses problemas por incentivo de seus pais, desenhava o dia todo, era o seu momento único e sua maior diversão. Rômulo nos conta que no “pré dois”, um ano antes da primeira série, fez um amigo que se recorda do nome até hoje, Júnior, onde começou a ajudá-lo com seus desenhos, visto o grande interesse de Rômulo, o orientou, passou técnicas e jeitos diferentes de realizar a ação que parecia tão simples. Com o tempo, a prática foi crescendo junto com a experiência e Rômulo melhorou muito seus desenhos, ele nos conta que a princípio copiava algumas máscaras, estilo de desenho que era feito na época, diz também que desenhava mal, porém a cada dia buscava a melhora. Depois de um ano, o pequeno garoto viu que seus desenhos já não precisavam mais ser cópias, então começou a desenhar com inspiração própria, fazendo os famosos “Pokémóns” e “Digimons”, desenhos japoneses que se tornaram muito populares em TV aberta; com o tempo, começou a passar todo o seu conhecimento para os seus colegas de sala, transmitindo suas ideias e as técnicas para aprimorar os rabiscos, para que eles melhorassem também – “criança tem facilidade em aprender coisas novas, a infância é o melhor período pra isso”- conta Rômulo. Depois de um tempo, percebeu que na escola sua maior paixão poderia ser usada para muitas coisas, ele nos conta que sempre era o responsável por fazer os cartazes, pôsteres e banners que deviam ser apresentados, fazia também as camisetas da gincana, ilustrava a capa dos cadernos dos colegas, era conhecido como o “cara que desenhava”, sempre foi nota 10 na disciplina de Artes, nas outras era um aluno mediano que sempre passava sem complicações. Com o tempo, Rômulo nos conta que o apoio e incentivo que tinha dos seus pais começou a diminuir, pois o garoto que já era um adolescente ainda desenhava o dia todo e agora sonhava em trabalhar em algo relacionado a isso, então ao mesmo tempo em que o incentivavam, também ficavam com um pé atrás e acabavam



Ilustração feita por Rômulo



Rômulo com duas de suas criações apresentadas em uma feira em São Paulo

passando isso pra ele, diziam que era impossível trabalhar na TV ou em uma empresa que produz jogos, eles não viam como um emprego digno e diziam que não tinha como fazer tudo isso apenas com desenhos à mão- “Eu não conseguia entender”- relata Rômulo. No ensino médio, não abriu mão dos seus desenhos e da sua arte por nada, logo que foi amadurecendo, começou a fazer alguns “pixos” na rua, porém conta que preferia não se arriscar e pintava em cadernos, casas e em locais que eram mais “tranquilos e legalizados” para ele se expressar. Antes de sair da escola, Rômulo já tinha decidido sua faculdade, iria cursar Publicidade e Propaganda.

Logo que entrou na faculdade, percebeu que seu intuito era ser totalmente direcionado para a Arte, mesmo sendo uma faculdade de comunicação- “Comunicação é muito importante para a expressão, mesmo que seja artística”. Rômulo nos conta que teve uma faculdade comum, sem muitas surpresas ou problemas, mas logo quando terminou o curso, fez uma das decisões cruciais da sua carreira, abriu sua própria agência de publicidade, a “Deu Cria”, que toma conta até hoje, e em sequência, abandonou o seu antigo sobrenome e adotou o nome artístico de Rômulo Deu Cria; porém, logo após a abertura de sua agência, percebeu que por mais que fosse um negócio dele, lá ele não iria conseguir expressar e mostrar toda sua arte, Rômulo nos conta que não era tão livre lá, que trabalhou e se empenhou em sua agência por sete anos apenas nessa área, nos conta também que fez muitos trabalhos variados para bancos, empresas, arquitetos e às vezes para clientes um pouco mais “liberais” em relação à expressão artística.

Rômulo nos conta que durante todo esse tempo, trabalhou com

muitas coisas que o ajudaram, como foto, vídeos, design, esculturas 3D, ilustrações, marketing digital, redação, planejamento, fachadas de site e que durante isso, ajudou e impulsionou algumas empresas que saíram do zero se tornaram empresas de grande porte e reconhecidas mundialmente, e foi bem aí onde ele tomou outra de suas difíceis decisões de risco, Rômulo decidiu que iria viver apenas de arte. Conta-nos que desde sempre, a ideia era fazer seu nome com o auxílio da publicidade, percebeu que não era possível fazer tudo isso sem focar em apenas uma coisa que merecia bem mais atenção para que desse certo, juntou toda a sua bagagem que acumulou durante todo esse tempo trabalhando com sua agência e seguiu seu sonho.

Hoje em dia, Rômulo deixou o simplório bairro da zona norte de Porto Alegre, agora mora em São Paulo faz três meses, trabalha com arte e faz um ano, com isso, se tornou embaixador de uma sub marca chamada ApproveLab, que nasceu da famosa Just Approve, onde são vendidas roupas no estilo streetwear e que focam na inovação, customiza roupas para clipes de música, exposições, clientes finais e as leva para qualquer lugar que a roupa possa entrar em destaque, faz a criação de logotipos e afins publicitários, porém totalmente voltados para sua expressão livre. Quando perguntado o que podemos levar de tudo isso, Rômulo afirma que devemos fazer as escolhas sem medo algum, devemos nos focar nisso, diz que antigamente tinha receio de dizer que queria ser artista pelos seus pais e também pelos outros não encararem como uma profissão digna, mas hoje conta com orgulho que nos tempos em que estamos passando tudo isso mudou e que agora ele é feliz com o que trabalha, faz, produz e desenha.

Se te ferir,



DENUNCIE.
Ligue 180